

NÓS DA ESCOLA

PREFEITURA DO RIO

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Bem-vindo a Beijing

ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00061

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) •

Maria Inês Delorme (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) •

Martha Neiva Moreira (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária/SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Alneir Costa Pereira (8ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Diala Azevedo de Oliveira** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Kátia Pereira do Nascimento** (5ª CRE) • **Marcia dos Santos Gouvea** (E-DGED/DEF) • **Marcia Elizabeth N. da M. Vicente** (7ª CRE) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Valéria do Nascimento Querido** (6ª CRE) • **Vana Maria Silva de O. Sá** (1ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos** e **Joanna Miranda**

GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira** • **Bete Nogueira** (editora) • **Juliana Sartore**, **Fábio Aranha** e **Carolina Bessa** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão) • **Alberto Jacob Filho** (fotografia)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS/NTI: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação),

Adriana Simeone, **Aline Carneiro**, **David Macedo** e **Gustavo Cador** (designers) •

Vivian Ribeiro (produção gráfica)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica

Tiragem: 36.500 exemplares



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriامتirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



Desenho de Elisiane Freitas, Turma 1805
E. M. Alcide de Gasperi, Higienópolis, 3ª CRE

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

Uma potência em construção

12 carioca

Rio com sotaque mandarim

14 MULTIRIO na web

Alta definição em verbetes

15 caleidoscópio

Violência que vem de casa

17 rede fala

Desporto e cultura corporal

19 sala de professores

Olimpíadas escolares – propostas

22 atualidade

O desafio do meio ambiente
Desponta a questão tibetana

26 capa

O grande palco do esporte

35 atualidade

Entre o capital e o trabalho

38 pé na estrada

Preocupação com o esporte
Desafio à atividade física

43 foi assim

A arte da suprema energia

45 machadiano

Letras e partidas de xadrez

48 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

A confraternização do esporte

A festa do esporte é inclusiva, lúdica, premia esforços e promove a confraternização. Exatamente como é a escola que nós queremos. Por isso, não podíamos deixar passar a oportunidade de dedicar esta revista à Olimpíada de Pequim (Beijing), a 29ª da era moderna. A matéria principal aborda a história dos Jogos, desde a Grécia antiga, até chegar nas atividades que desenvolvemos nas nossas escolas. As paraolimpíadas também são contempladas com uma reportagem sobre esses verdadeiros atletas-heróis, com suas lutas pela superação.

O país que sedia as Olimpíadas deste ano será o nosso fio condutor. O entrevistado de *Ponto e contraponto* é o professor especialista em estudos afro-asiáticos Wladimir Pomar, que nos conta como é o cotidiano dos chineses hoje. E aqui no Rio, quais os lugares onde podemos entrar em contato com a rica cultura asiática? A seção *Carioca* aponta alguns, que vale a pena conhecer. Os encartes seguem no clima da competição: o cartaz é ilustrado com as representações das modalidades em que o Brasil vai participar. No *Giramundo*, as diferentes áreas do conhecimento que são utilizadas em olimpíadas escolares: matemática, biologia e língua portuguesa, entre outras.

Para darmos conta de tantos assuntos envolvendo o país-sede das Olimpíadas, temos este mês três matérias diferentes sobre atualidades ligadas àquele país. A primeira, fala sobre meio ambiente e da questão da poluição do ar por conta da industrialização; na segunda, o assunto é o conflito entre China e Tibete, que tem rendido manifestações e protestos em todo o mundo e, na última, uma abordagem sobre o mundo do trabalho chinês.

E o espírito esportivo já está presente no ambiente escolar, como mostram as duas matérias da seção *Pé na estrada*. Na Escola Municipal Juan Montalvo, em Jacarepaguá, os alunos receberam a visita de três medalhistas olímpicos: Arnaldo de Oliveira, Claudinei Quirino e Robson Caetano, que fizeram uma palestra pelo Programa Heróis do Atletismo, um projeto da Confederação Brasileira de Atletismo que visa valorizar a atividade esportiva sempre aliada à educação. E uma grande movimentação marcou o Dia Mundial do Desafio, em 28 de maio, no Ciep Lindolpho Collor, em Rio das Pedras. Trata-se de uma campanha internacional para incentivar a prática regular de atividades físicas, ao mesmo tempo em que oferece diversas formas de lazer ao participantes.

Quer saber dos resultados? Então, está dada a largada para a sua leitura!

Até a próxima edição.



Sônia Mograbi

Secretária municipal
de Educação

Mulher de fases

Tarsila do Amaral nasceu em 1º de setembro de 1886 no município de Capivari, interior de São Paulo. Pintou seu primeiro quadro, *Sagrado coração de Jesus*, na cidade espanhola de Barcelona, onde fora concluir os estudos aos 16 anos de idade.

Separada do primeiro marido, em 1916, iniciou-se na escultura com William Zadig e Marco Mantovani, em São Paulo. Aprendeu pintura, na mesma cidade, com o mestre-acadêmico Pedro Alexandrino. Em Paris, no início dos anos 1920, estudou na Académie Julian e, sob a orientação de Emile Renard (1850-1930), já despontava como artista de vanguarda.

Em 1922 Tarsila regressou ao Brasil, depois de se enveredar pelo impressionismo, e se integrou a intelectuais do grupo modernista como Anita Malfatti, Oswald e Mário de Andrade e Menotti del Picchia. A partir de então, dedicou a sua arte ao cubismo.

Criou na sua obra o conceito de brasilidade, pois foi a primeira pintora a explorar cores caipiras e temas do cotidiano do país.

Na década de 1930, de regresso da ex-URSS, Tarsila pintou a tela *Operários*. Mais uma vez precursora, inaugurou a pintura de temas sociais no Brasil. É dessa fase o quadro *Segunda classe*.

Até o seu falecimento, em São Paulo, em janeiro de 1973, a artista participou de exposições pelo Brasil e pelo mundo. Inovou sempre e contribuiu para mudar o rumo das artes no Brasil.

Homem que come – *Abaporu* é a tela mais importante já produzida no Brasil. Tarsila a concebeu para dar de presente ao terceiro marido, o escritor Oswald de Andrade. Conta-se que, assustado, Oswald convocou o amigo e também escritor Raul Bopp para ajudá-lo a decifrar a estranha figura ali retratada (*veja a reprodução do quadro na quarta-capa desta edição*). Concluíram que a obra representava algo de excepcional. Para nomeá-la, Tarsila lembrou-se de seu dicionário tupi-guarani e o nome escolhido foi *Abaporu*, que significa o homem que come. A obra foi vendida pelo maior valor já conseguido até hoje no Brasil por um quadro: US\$1,5 milhão. Foi adquirida pelo colecionador argentino Eduardo Costantini.

Antropofagia – *O Manifesto antropofágico*, de Oswald de Andrade, foi o ponto de partida para a criação do movimento cujo objetivo era a deglutição (daí o caráter metafórico da palavra antropofágico) das culturas européia e norte-americana e a transformação delas em algo bem brasileiro. Publicado em maio de 1928, o *Manifesto* não pretendia negar as culturas estrangeiras, mas elas não deviam ser imitadas, segundo o texto. Apesar de radical, o movimento antropofágico foi muito importante para a arte brasileira e representa uma síntese do modernismo no Brasil, que queria modernizar a nossa cultura, mas de um modo bem nosso. (CRISTINA CAMPOS)

Agradecimento

Toda a equipe que trabalha na E. M. Miguel Gustavo quer agradecer a matéria da edição 59 de NÓS DA ESCOLA, que divulgou de maneira brilhante o tema desenvolvido, em 2007 e 2008, através do projeto político-pedagógico “A Miguel Gustavo movimentamos o pensamento aventurando-se na filosofia”. Obrigado.

Equipe da E. M. Miguel Gustavo,
Cordovil (4ª CRE)

Cineclubes

A respeito da matéria “A arte em pequenos frascos”, da edição 59, gostaria de fazer algumas ressalvas.

Sou coordenadora do Cineclubes Sem Tela e o nosso projeto não funciona apenas no Complexo da Maré. É uma atividade cineclubista itinerante, que percorre locais públicos, escolas e pré-vestibulares dos Complexos da Maré e do Alemão, demais favelas do Rio e, a partir de junho, da cidade de Valença (RJ).

Vale lembrar que somos filiados à Ascine (Associação dos Cineclubes do Rio de Janeiro), que trabalha para viabilizar os cineclubes.

Uma dica complementar: não basta ter amor ao cinema como primeiro passo na formação de um cineclubes. É interessante entrar em contato com outros cineclubes, que já estejam na estrada, e procurar a Ascine para buscar apoio e orientação.

Talitha Ferraz,
Observatório de Favelas

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br

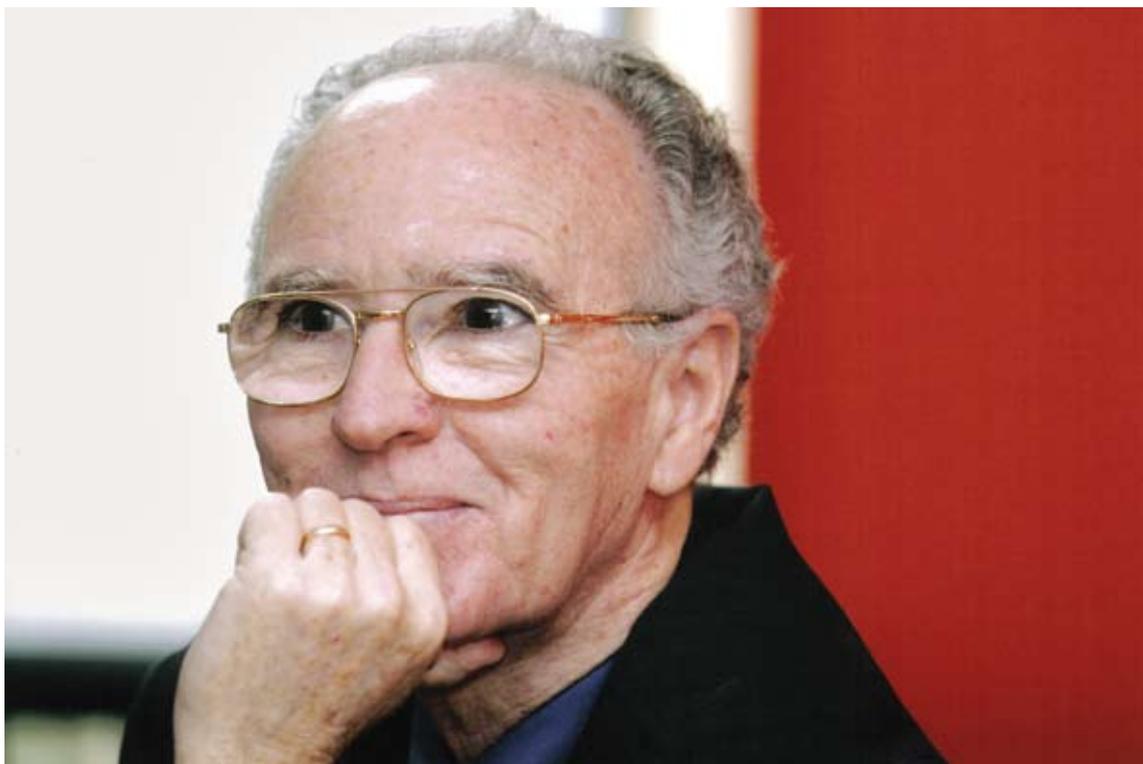
Uma potência em construção

A China é considerada hoje um país com alto potencial de desenvolvimento, além de Brasil, Rússia e China – os chamados Brics, sigla que reúne a inicial de cada um deles. O termo, criado pelo economista britânico Jim O’Neill, serve para caracterizar os quatro países emergentes a partir de projeções demográficas e de crescimento da produtividade econômica. E a China é, sem dúvida, uma das principais apostas para estar entre os maiores do mundo. Seu vertiginoso crescimento tem despertado olhares atentos de países ricos como Estados Unidos e Inglaterra, mas também críticas a um regime que alia socialismo a práticas capitalistas.

No sistema educacional chinês destaca-se o aumento do número de crianças na escola. De acordo com o pesquisador associado e professor-especialista do Centro de Estudos Asiáticos da Universidade Candido Mendes (Ucam) Wladimir Pomar, o grau de analfabetismo entre maiores de 15 anos na China caiu de 85% em 1949 para 10,3% em 2004. Isso se deveu ao ensino público obrigatório de nove anos de duração, à existência de quase 400 mil escolas de ensino fundamental espalhadas por todo o país e ao constante treinamento de professores.

Segundo Pomar, o país tem procurado aliar crescimento econômico a distribuição de renda. Em 1978, a população era de 1 bilhão de chineses, com 400 milhões em situação de miséria. No ano passado, a população saltou para 1,36 bilhão, com cerca de 20 a 30 milhões de habitantes abaixo da linha da pobreza, mas com 800 milhões de chineses ascendendo às classes médias. A perspectiva é que em 2020 o padrão de vida do conjunto da população chinesa seja equivalente ao da baixa classe média brasileira.

Para não repetir episódios como o do Massacre da Praça da Paz Celestial, que ganhou o noticiário mundial em 1989, com um jovem barrando a passagem de um tanque de guerra, o governo chinês, segundo Pomar, vem promovendo mudanças para garantir maior estabilidade social e política. Prova disso foram as recentes reformas para retomar a agricultura, elevar a renda dos camponeses e universalizar os serviços públicos nas áreas rurais. Desde 1981, Pomar viaja quase que anualmente à República Popular da China (o nome oficial). Primeiro, como estudioso – o que o levou a desenvolver uma relação afetiva com o país; e de 1986 para cá, como consultor de empresas, especialista em negócios sino-brasileiros. Para compreender um pouco da história e da conjuntura econômica, política e social do país que sediará as XXIX Olimpíadas, confira a seguir a entrevista completa com Wladimir Pomar.



A China tem sido apontada como a maior potência emergente do mundo. De que forma pode o avanço chinês se equiparar à importância geopolítica e econômica dos Estados Unidos? Que consequências a chegada da China ao topo do *ranking* traria para o resto do mundo?

É difícil falar das consequências da equiparação econômica e social da China com os Estados Unidos, mesmo porque isso não depende só dela. Pela atual política chinesa, de diplomacia ativa a favor da preservação da paz, de solução dos conflitos através do diálogo e não do uso da força militar, e de não-interferência nos assuntos internos dos outros países, pode-se dizer que ela está exercendo um papel positivo na criação de um mundo multipolar, e de reforço da ONU e das instituições multilaterais. Mas ainda é cedo para saber se isso será possível por um longo tempo à frente, e se grandes potências como os EUA aceitarão a sua continuidade sem causar tremores.

A China é hoje um país socialista ou se transformou em potência capitalista? É possível conciliar conquistas sociais com uma expansão econômica tão pungente dentro de um mundo globalizado?

Pela teoria marxista clássica, socialismo é o processo de transição do capitalismo para o comunismo, resultante da mudança do poder político e da introdução de mudanças que completem o desenvolvimento das forças produtivas, permitam que a sociedade possa se ver livre da escassez de bens e criem as condições para atender a cada um de seus membros, conforme suas necessidades de vida. Nesse processo, mecanismos socialistas e capitalistas continuam funcionando por algum tempo, quer em cooperação ou em conflito. Em países cuja mudança do poder político se deu com forças produtivas atrasadas, como foi o caso da China, esse tempo deve ser mais longo do que em países avançados do ponto-de-vista capitalista.

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

DIVULGAÇÃO

A China está no nível que os próprios chineses chamam de estágio inferior da construção socialista, sendo obrigada a utilizar diversas formas de propriedade, inclusive capitalistas, para desenvolver as forças produtivas – isto é, a capacidade de produzir bens que atendam às necessidades sociais. Se a China fosse capitalista, provavelmente a maioria das grandes estatais teria sido privatizada e a redistribuição da renda praticamente inexistiria. Mas não é isso o que vem ocorrendo. As estatais continuam como o principal instrumento de orientação do mercado. E, do ponto-de-vista social, a China não só vem fazendo com que a distribuição da renda acompanhe o crescimento econômico como também trabalha na perspectiva de que, em 2020, o piso do padrão de vida do conjunto de sua população seja moderadamente abastado, o que poderíamos chamar, em termos brasileiros, de piso de classe média baixa. Isso será possível? Em 1978, havia 1,1 bilhão de chineses, 700 milhões dos quais eram pobres e 400 milhões viviam abaixo da linha da pobreza. Em 2007, com 1,36 bilhão de chineses, ainda

havia de 20 a 30 milhões deles vivendo abaixo da linha da pobreza e 500 milhões de pobres, mas 500 milhões haviam ascendido aos níveis de classe média baixa e média, e mais de 300 milhões haviam atingido o nível de classe média alta. Isso demonstra um enriquecimento desigual. Mas revela também que 800 milhões de pessoas foram arrancados dos pisos da pobreza e de abaixo da pobreza e elevados ao nível de classe média. Não há qualquer exemplo parecido no mundo. Então, se não se pode chamar a China de paraíso, também não se pode dizer que ela não esteja se esforçando para combinar desenvolvimento econômico com conquistas sociais.

A China é o país mais populoso do mundo. Qual o impacto disso para os chineses?

A política de filho único impediu que a China tivesse 300 milhões de habitantes a mais do que tem hoje. Como a preocupação do governo chinês é a de elevar o padrão de vida de toda a sua população – e não apenas a de uma parte, embora isso se dê de forma desigual –, é muito



difícil rever a política de uma criança por casal, pois isto incidiria negativamente sobre a distribuição da renda.

Como funciona o sistema educacional na China?

Compreende um ensino obrigatório de nove anos (primário e primeiro nível do secundário) mais a opção de completar o segundo nível secundário e a universidade. Em 2006, os matriculados nas escolas primárias somavam 83,7 milhões; nas escolas secundárias, 79,6 milhões; e nas universidades, 12,7 milhões. Destes últimos, 2,6 milhões estavam cursando pós-graduação. Além disso, existiam 2,94 milhões de estudantes em escolas vocacionais e 124,4 milhões de crianças em jardins de infância.

Ainda em 2006, 134 mil chineses estudavam no exterior, sendo 5,5 mil financiados pelo Estado; 7,5 mil por empresas; e 121 mil pela própria família. Com um novo programa lançado pelo Ministério de Educação, mais 5 mil estudantes serão financiados anualmente para cursar universidades de renome no exterior.

A China tem políticas públicas de incentivo ao acesso de todas as crianças à escola? Como funciona essa política?

O grau de analfabetismo entre pessoas acima de 15 anos, na China, caiu de 85% em 1949 para 10,3% em 2004. Isso se deve à implantação do ensino público obrigatório de nove anos, à existência de quase 400 mil escolas primárias espalhadas por todo o país e ao constante treinamento de professores em instituições apropriadas.

Como fica a educação das crianças que não são registradas, por conta da política do filho único?

Calcula-se que existam cerca de 400 mil crianças nessa situação. No entanto, cerca de 63% delas estão matriculadas em escolas públicas, 5% em escolas privadas e 26% em jardins de infância. Embora na China existam crianças fora da escola, em virtude de decisões familiares de diferentes tipos (em especial nas zonas rurais), a penalização econômica imposta a essas famílias, (por não atenderem ao ensino obrigatório), é maior do que a aplicada aos que atentam contra a política do filho único.

O desenvolvimento econômico chinês provocou um vertiginoso crescimento do consumo de energia no país. Esse “milagre” está sendo baseado, principalmente, no aumento da importação de petróleo e na exploração e uso do carvão. Isso tem redundado em forte impacto ambiental, sobretudo em uma escalada das emissões de gases responsáveis pelo efeito estufa. Em 2006, a China se tornou o maior emissor do mundo desses gases. Como resolver o dilema ambiental?

Desde 2003, a China vem adotando uma série de medidas para reduzir a emissão de gases poluentes, aumentar a economia no uso de energia, ampliar a sua área florestal e controlar a poluição das águas e dos solos, na linha do Protocolo de Kyoto. Em 2006, a redução da emissão de gases e a redução do consumo de energia em 20% até 2010 tornaram-se uma meta obrigatória para todas as províncias, regiões autônomas, municipalidades e municípios. A China também introduziu avanços técnicos no uso de carvão liquefeito ou gaseificado, livre de enxofre, e fechou minas, usinas térmicas e fábricas poluidoras. Em outras palavras, talvez a China não resolva a curto prazo seus problemas de poluição, e ainda custe a compatibilizar desenvolvimento econômico e social com proteção e recuperação ambiental. Mas ela reconhece o problema e está adotando medidas para resolvê-lo.

A China vem sendo alvo de críticas de organizações internacionais e de governos pela violação de direitos humanos, como nas prisões sem julgamento, confissões forçadas e maus-tratos a prisioneiros.

Como o senhor analisa essas acusações?

O problema dessas acusações é que elas, em geral, não apresentam provas concludentes. Por outro lado, é verdade que ainda persistem, em algumas regiões chinesas, casos de confissões forçadas e de maus-tratos a prisioneiros. Porém, além de esses casos serem, em geral, denunciados por órgãos governamentais e pela imprensa chinesa, eles ocorrem em proporção inferior – tanto em termos absolutos quanto relativos – a casos idênticos que ocorrem em muitos outros países, inclusive na Europa e Estados Unidos. A população carcerária ►

SAIBA MAIS

POMAR, Vladimir. *O enigma chinês, capitalismo ou socialismo*. São Paulo, Alfa-Omega, 1987

_____. *China, o dragão do século XXI*. São Paulo, Ática, 1998

_____. *A revolução chinesa*. São Paulo. Unesp, 2003.

chinesa é muito inferior, em termos absolutos, à população carcerária norte-americana. Essas acusações estão dentro daquilo que se chama de propaganda marrom ou cinza, que chegou a acusar o governo chinês de haver destruído o Palácio Potala, no Tibete, na mesma época em que ele estava sendo reformado e reconstruído. Portanto, talvez o melhor seja minimizá-las.

Estudiosos classificam algumas atitudes chinesas como culturais. No seu entender, o Ocidente se choca tanto com hábitos e valores chineses por não compreender a sua cultura?

O Ocidente, em geral, não entende a cultura chinesa, não entende o povo chinês, não entende o Partido Comunista chinês, não entende o governo chinês, nem como essas entidades sociais se fundem e se diferenciam. Em grande medida, os chineses também não entendem nem conhecem a cultura ocidental. Mas a diferença é que enquanto os chineses estão abrindo suas mentes para conhecer, entender, aprender e conviver com o mundo ocidental, a cultura ocidental dominante continua a se orientar por mitos e preconceitos em relação aos chineses. Não é por acaso que ela não consegue explicar como a China deu um salto histórico em seu desenvolvimento.

Os protestos na Praça da Paz Celestial, em 1989, ganharam repercussão mundial. Os estudantes hoje ainda se mobilizam por reformas? Quais são as formas de atuação da juventude chinesa e quais são as suas maiores reivindicações?

Num país das dimensões geográficas e populacionais da China, é inevitável que um desenvolvimento econômico e social tão rápido, ainda que mais desigual, cause impactos de diferentes tipos entre a sua população. São como placas tectônicas em movimento. No caso da Praça da Paz Celestial, houve uma combinação perversa de inflação (que chegou a cerca de 23% à época) com descontentamentos relativos à leniência em relação a casos de corrupção e ao aumento das diferenças de renda. O governo de então foi lento em absorver esse descontentamento, reduzir a inflação e evitar que o movimento dos estudantes desbordasse para ações com vistas à derrubada do sistema so-

cialista. Aliás, pouco se fala que os operários e, principalmente, os camponeses não apoiaram os estudantes em suas ações, embora também estivessem descontentes. De lá para cá, os desequilíbrios continuam atuando e causando riscos potenciais à estabilidade social e política. Mas hoje não é a juventude que se vê atazanada por casos de corrupção, inflação ou aumento das diferenças de renda. Os casos de corrupção estão sendo pesadamente combatidos, a inflação se manteve controlada por mais de 10 anos (houve um pequeno surto entre 1994 e 1995) e as diferenças de renda estão mais acentuadas entre a população urbana e a população rural. Para evitar outro terremoto social e político, como o de 1989, o governo atual tomou medidas radicais para retomar a agricultura como o fundamento da nação, elevar a renda dos camponeses e universalizar os serviços públicos nas áreas rurais.

A China não reconhece a independência de Taiwan e considera a ilha uma província rebelde. Mas já se começou a falar em um possível diálogo. Na sua avaliação, está aberto o caminho para que finalmente Taiwan se torne livre?

Taiwan também não declarou a sua independência e se considera parte da China. O que havia, e ainda há, é um movimento político em Taiwan que pretende proclamar a independência da ilha. Mas esse movimento foi derrotado nas últimas eleições, demonstrando que a maior parte da população de Taiwan se considera parte da China. Isso levou o atual governante da ilha a uma visita histórica ao continente, abrindo espaço para um entendimento que pode levar Taiwan a se tornar uma nova região administrativa especial, o mesmo status de Hong Kong e de Macau, dentro da política chinesa de “um país, dois sistemas”.

O mundo se manifestou contra a política chinesa em relação ao Tibete durante a passagem da tocha olímpica pelos países. Existe uma saída para a questão? Esses protestos podem servir para a China rever sua política?

Falar que “o mundo se manifestou” é figura de retórica. O Tibete faz parte da China desde o século XIII, pelo menos. Este é um fato reconhe-

cido oficialmente, aqui sim, pelo mundo todo. Pelo simples fato de que, se forem revistos os casos de incorporação de regiões étnicas diferentes, através de contratos matrimoniais ou por outros meios, grande parte dos países da Europa terá que ser desmembrada: os Estados Unidos terão que devolver a Califórnia e o Texas ao México, e vai por aí afora.

A questão tibetana, desse modo, só existe para a diáspora dirigida pelo Dalai Lama e pelas forças políticas que os apóiam em vários países. Em geral, elas não esclarecem que as tropas chinesas que chegaram ao Tibete, em 1951, eram tropas do Exército Popular de Libertação, que haviam derrotado as tropas do antigo regime e chegavam ao Tibete como parte do novo regime e do novo governo, completando a ocupação do território tradicional da China. Também não explicam que a revolta de 1959, que levou o Dalai Lama e muitos de seus seguidores a fugirem para a Índia, não foi uma revolta pela independência do Tibete. Foi uma revolta para manter no Tibete a teocracia lamaísta e a servidão feudal, ameaçadas pela reforma agrária e pela libertação dos servos.

Desde então, o Tibete é uma região autônoma da China. Nos anos mais recentes, o Tibete foi uma das regiões chinesas com maiores taxas de desenvolvimento, beneficiando-se de investimentos estatais e também privados. O lamaísmo continua sendo a religião mais importante, mas perdeu o seu poder de domínio sobre as demais religiões da região (a Bon¹, a xamanista, a islâmica e as cristãs) e sobre a sociedade. A China e a maior parte dos tibetanos não vêem motivos para rever a política que acabou com a servidão e levou desenvolvimento ao Tibete.

Quando os protestos à passagem da tocha olímpica se transformaram em manifestações em apoio à China e às Olimpíadas, o noticiário a respeito murchou. Assim, a saída para a questão está no rompimento do Dalai Lama com as forças que o têm sustentado até então, e em seu retorno ao Tibete, já que o governo chinês continua a reconhecê-lo como um dos líderes espirituais do lamaísmo², ao lado do Panchen Erdeni³.

Por fim, se há preocupação com minorias realmente oprimidas e em conflito, seria melhor mudar a atenção para o Curdistão. Por que quase não se fala nisso?

O senhor já morou na China? Costuma ir mais ao país para estudos ou por ter desenvolvido uma relação afetiva com o povo chinês?

Nunca morei na China. Vou lá, quase anualmente, desde 1981, primeiro, para estudos; segundo, por relações políticas e afetivas; e, terceiro, desde 1996, para desenvolver relações econômicas entre o Brasil e a China. ■

Leia mais sobre o Tibete na página 24.

¹**Bon** – Também chamada de Bon-Po é uma religião autóctone do Tibete, Sikkim e Butão. Tratava-se de um animismo xamânico, cujos cerimoniais incluíam danças circulares e ingestão de chás. A religião sincretizou-se com o budismo trazido de Nepal e Norte da Índia por Madma Sambhava, originando o lamaísmo existente na região dos países e nações da região do Himalaia na atualidade.

²**Xamanismo** – De origem asiática e ártica, é considerado uma crença cujo principal objetivo é a busca interior. Embora a palavra xamã tenha origem na tribo siberiana dos turgus, não existe origem histórica ou geográfica para o xamanismo, prática religiosa de cura e filosófica encontrada no mundo todo. Trabalha com respeito às forças da natureza, com rituais vividos por qualquer tipo de pessoa, envolvendo cristais, fogo, água, metal, madeira, e está presente em várias culturas. É um conceito de vida que busca no autoconhecimento a chave para o equilíbrio do ser. O sacerdote do xamanismo é o xamã

³**Lamaísmo** – É o nome dado ao budismo tibetano, também chamado de budismo *vajrayana*. Por ser o mais numeroso nessa categoria, tem suas práticas de meditação na forma de elaborados rituais, com leitura de *saddhanas* (textos litúrgicos), visualizações e instrumentos musicais. Tem uma tradição nas artes, como pinturas e esculturas, e também tradição em ordens monásticas, com ênfase no relacionamento entre alunos e lamas. Pertence à vertente *maiana* do budismo e tem a sua representação maior na figura do Dalai Lama. O termo lamaísmo provém do tibetano Lama, que significa mestre ou superior, e que designa, geralmente, os monges tibetanos, em especial os hierarquicamente superiores.

⁴**Panchen Erdeni** – É o segundo lama na hierarquia do budismo tibetano e acumula funções religiosas e políticas da China juntamente com o Dalai Lama.

Rio com sotaque mandarim

Há quase duzentos anos os chineses chegaram na cidade, que assimilou traços da cultura oriental



TEXTO
BETE NOGUEIRA

FOTO
ALBERTO JACOB FILHO

O famoso chá dos chineses foi o ponto de partida para que a primeira leva de imigrantes chegasse à cidade. Entre 1812 e 1819, 300 chineses aportaram por aqui com a missão de introduzir a cultura de chá no Brasil. O trabalho deles, no Jardim Botânico, foi registrado pelo pintor austríaco Johannes Rugendas¹. Outro resquício dessa época é o Mirante da Vista Chinesa, no Parque Nacional da Tijuca. Hoje, na cidade, a comunidade da terra de Confúcio já reúne em torno de 15 mil pessoas, morando principalmente no bairros de Laranjeiras e na Grande Tijuca.

Como todo grupo de imigrantes e descendentes, a comunidade chinesa se misturou à carioca, mas guarda espaços exclusivos para matar as saudades e nunca esquecer as raízes, como os encontros de fim de semana e os jogos de pingue-pongue na Associação Cultural Chinesa, as festas na Casa de Macau (*leia no quadro*) ou programas mais espiritualizados, seja em templos budistas ou taoístas. Mas no nosso dia-a-dia existem costumes e crenças já incorporados pelos brasileiros que vieram da terra da Grande Muralha. Por exemplo, a brincadeira de jogar arroz nos noivos vem de lá, onde o cereal é visto como símbolo da fortuna. Já é comum vermos em portas de residências

e na entrada de estabelecimentos comerciais espelhos e símbolos que se baseiam no Feng Shui, uma forma de decorar ambientes que, segundo a tradição, garantem a boa energia do estabelecimento e afastam as más influências. Mas se isso não bastar e você acabar o dia com um torcicolo ou uma tremenda dor nas costas, nada como procurar um dos inúmeros profissionais de acupuntura ou de massagens como o *shiatsu* ou o *do-in*.

Andou, vai pra panela! – Diz um ditado que os chineses comem tudo o que tem quatro patas e se movimenta, uma forma divertida de dizer que o povo consegue transformar quase tudo em iguaria. Algumas, como a sopa de ninho de andorinhas, não são tão populares aqui quanto o rolinho primavera, o frango xadrez ou o bis-

SAIBA MAIS

- **Associação Cultural Chinesa**
Rua Gonçalves Crespo, 450
– Tijuca
Tel.: 2293-5559
- **Casa de Macau**
Rua Gonzaga Bastos, 325 – Vila Isabel
Tel.: 2288-7225
- **Templo budista**
Centro de Meditação Chi'an
Rua Itabaiana, 235 – Grajaú
Tel.: 2520-9058

Para aprender mandarim

- **Instituto de Cultura Chinesa San Chi Jin**
Rua da Quitanda, 184 – Centro.
Tel.: 3681-8303, 9969-8609
- **Sociedade Taoísta do Brasil**
Mais informações na seção *Foi assim*.

¹Leia na edição nº 46 de NÓS DA ESCOLA.

²Os Jogos da Lusofonia reúnem os países que têm o português como língua oficial e são reconhecidos pelo Comitê Olímpico Internacional. A segunda edição dos jogos será em Lisboa, Portugal, em julho de 2009.

³*Mahjong* é um jogo de mesa de origem chinesa, composto por 144 peças supercoloridas e que permitem diversos tipos de combinação.

coito da fortuna. Para quem já aprecia ou tem curiosidade em conhecer a culinária chinesa, há inúmeras opções de restaurantes no Rio – muitos, inclusive, dividindo espaço com a culinária japonesa. Fora isso, uma associação comum entre China e lanche no Brasil são as quase onipresentes pastelarias, quase todas pertencentes a famílias chinesas.

No comércio, outra presença marcante nas nossas ruas são as “lojas chinesas”, onde se encontra de tudo um pouco: lenços de seda, vestidos, vasilhas de porcelana, bibelôs, abajures com desenhos típicos, além de peças para utilidades domésticas e brinquedos que tomaram conta do nosso dia-a-dia por causa dos baixos preços. ■

Ela é carioca...

Seu povo tem um espírito festivo, fala com “s” chiado e mora à beira-mar, num local que cresceu de tamanho graças a aterros e que é um destino turístico conhecido internacionalmente. Parece familiar? Se você pensou em Rio de Janeiro, vire a sua cabeça para o Leste, olhe para o mapa e descubra Macau, a região da China que já foi colônia portuguesa e que guarda uma rica cultura pela miscigenação de dois povos tão distintos.

Em Vila Isabel funciona há 16 anos a Casa de Macau, local que reúne os 50 sócios e suas famílias macauenses para matar saudades da terra natal. “É um lugar de confraternização, nos reunimos principalmente para festas”, explica o presidente da casa sino-portuguesa, Pedro Paulo Almeida, que está no Brasil há quase 40 anos e é a prova viva do que significa ser macauense: traços orientais herdados da mãe e nome do padroeiro dos pescadores, graças à devoção do pai, de família portuguesa católica, que fez questão de registrar o menino com o nome do santo do dia de seu nascimento: São Pedro, 29 de junho.

Localizada na costa sul da China, a região é constituída pela Península de Macau e pelas ilhas Taipa e Coloane. São pouco mais de 5 mil habitantes, a maioria de etnia chinesa. Mas, aliada aos traços orientais no fenótipo e na arte, está a afetividade latina lá plantada no início do século XVI, virando um entreposto que permitiu incorporar influências de diversas partes do mundo e um ar ocidental. Por isso, muitas delegações – inclusive a brasileira – estão se adaptando ao local,

primeiro passando por lá antes de seguir para Pequim, aproveitando a infra-estrutura que foi construída em 2006, quando o local sediou os Jogos da Lusofonia².

Em 1999, Portugal devolveu Macau à China, que, em vez de anexá-la imediatamente, a colocou na condição de região administrativa por 50 anos. Enquanto isso, o governo central é o da China, mas as leis podem mudar um pouco – ou muito. Por exemplo, ao contrário do resto do país, em Macau o jogo é liberado. Por isso, há cassinos que atraem turistas de outros países e que garantem uma boa renda ao governo chinês.

A boa adaptação dos macauenses à cidade não se deve apenas à facilidade da língua: assim como aqui, lá há uma mistura cultural pacífica. “Vemos igrejas ao lado de pagodes chineses e as placas são todas em cantonês e português (ainda que a língua oficial, desde 1999, seja o mandarim). A gastronomia é internacional, com rodízio de carnes, feijoada, massas, pratos franceses e a rica culinária chinesa”, explica Pedro Paulo.

Macau abriga, obviamente, a maior universidade de língua portuguesa para os chineses. E há interesse em que eles aprendam o português, para alargar o campo das possibilidades dos negócios comerciais com países lusófonos. Mas não foi só a língua que os macauenses conheceram quando chegaram aqui: nas escolas, era obrigatório o ensino da história, geografia e cultura do Brasil. Resultado: assuntos sobre samba, futebol e bossa nova se misturam às risadas dos que vão à Casa de Macau para jogar o *mahjong*³. E haja alegria!

Alta definição em verbetes

Fique por dentro dos termos que já fazem parte da vida do carioca com a chegada da TV digital

TEXTO

LUÍS ALBERTO PRADO,

REDATOR-EDITOR DE

JORNALISMO DO PROGRAMA

SÉCULO XXI

O sistema de TV digital aberta já chegou ao Rio de Janeiro, oferecendo aos usuários o aprimoramento da imagem e do som. Para que não haja surpresas com a terminologia surgida com a novidade, vamos desvendar o seu vocabulário:

EDTV (Enhanced Definition Television) – é o sistema mais utilizado na Europa. Indicado para telas menores que 20 ou 25 polegadas. Para as maiores, o ideal é utilizar a HDTV.

Full HD – é um formato que oferece 1.080 linhas horizontais de resolução com *scanning* progressivo, também denominado 1080p. A maior parte das televisões de alta definição usa o 1080i, que tem a mesma resolução, porém com *scanning* entrelaçado.

Scanning entrelaçado – apresenta alguns problemas como o *line twitter* que faz com que o contorno de pessoas ou objetos em movimento apareça deslocado para um lado; ou o *flicker*, que é mais perceptível em telas maiores ou quando o monitor é observado a curta distância.

Scanning progressivo – desenvolvido para contornar os problemas do modo entrelaçado, desde que a fonte seja realmente a de um sinal progressivo. Linhas ímpares e pares são combinadas e reproduzidas ao mesmo tempo, formando um quadro completo.

HDMI (High Definition Multimedia Interface) – novo tipo de cabo conector único de áudio e vídeo que, com tecnologia revolucionária, substitui os cabos de áudio e vídeo tradicionais que ligam uma TV a um aparelho reproduzidor digital de vídeo ou a um *set top box*, por exemplo, melhorando o desempenho de ambos. A conexão, tanto de áudio quanto de vídeo, é feita digitalmente, com a melhor qualidade possível.

HDTV (High Definition Television) – sistema de transmissão de TV com resolução de tela

significativamente superior à tradicional. Com exceção de formatos analógicos adotados na Europa e Japão, o HDTV é transmitido digitalmente e, por isso, a sua implementação geralmente coincide com o surgimento da televisão digital. Os padrões HDTV atuais são definidos como 1080i (*interlaced*), 1080p (*progressive*) ou 720p, com uma proporção de tela de 16:9.

Mobilidade – capacidade de recepção de sinais digitais em *notebooks* e também em TVs especiais instaladas em ônibus e automóveis, por exemplo.

Portabilidade – capacidade de recepção de sinais digitais em telefones celulares e PDAs.

S-Vídeo – cabo que oferece melhor qualidade de imagem do que o vídeo composto. No vídeo composto existem apenas dois fios, um para transmitir o sinal de vídeo e outro, que é o terra. Já no S-Video, três fios são usados: um para transmitir a imagem em preto-e-branco, outro para transmitir as informações de cor e um terceiro que é o terra.

SDTV (Standard Definition Television) – é um sistema com 525 linhas/quadro, com varredura intercalada. Os sinais no SDTV não podem ser considerados de alta definição (HDTV) nem de definição melhorada (EDTV).

Set top box – equipamento que se conecta ao televisor e à fonte externa de sinal e transforma este sinal em conteúdo, em formato que possa ser exibido na tela. Para a recepção da TV digital, será necessário adquirir o equipamento específico para essa recepção.

Vídeo componente – cabo que oferece qualidade de imagem melhor do que a do S-Vídeo, sendo a conexão de vídeo preferida para ser usada entre o seu aparelho de DVD e a sua TV ou projetor. ■

Violência que vem de casa

Filhos criados em famílias em que mulher é submetida a agressão apresentam problemas na escola

Certo dia...

Trabalho com educação física para crianças e jovens há mais de 25 anos. Sou experiente, atualizado e consciente do meu papel social. No entanto, ocorreu um fato em uma das minhas aulas que mexeu muito comigo e me fez refletir acerca de conceitos, atitudes e valores.

Numa aula para alunos do período inicial do primeiro ciclo, propus uma atividade em que a turma ficou disposta em duas colunas. Os alunos da primeira coluna estavam disputando com os da segunda, quando de repente um menino bateu no rosto de uma menina que não havia corrido tanto quanto ele queria.

Imediatamente, corri até os dois e disse para ele, com voz de indignação e sem refletir, que homem não podia bater em mulher, muito menos sendo amigos de turma. Ele prontamente me respondeu que podia sim, porque o pai dele batia na mãe.

Fiquei mudo, quase sem ação. Acudi a menina que chorava muito, acalmei a turma e encerrei a aula.

Questões, tensões, reflexões

Completamente perturbado com o fato que tinha acabado de acontecer, esperei o fim do dia e procurei a professora da turma e a coordenadora pedagógica para conversar.

Ficamos por um bom tempo discutindo questões como valores, violência, infância e ética. A professora disse que já tinha ouvido do aluno alguns relatos desse tipo e que tratava do assunto superficialmente, por não saber o que falar ou fazer.

Depois de algum tempo, num centro de estudos, o caso foi exposto para o corpo docente da escola. Após a explanação de algumas idéias,

concordamos que deveríamos convocar os responsáveis para uma reunião, na qual o assunto fosse discutido a partir do tema Valorização da Mulher. Dessa forma, abordáramos questões parecidas com a que havíamos vivenciado, esclareceríamos alguns pontos – como leis, por exemplo – e discutiríamos alternativas com os responsáveis.

Os possíveis porquês

Pesquisas comprovam que a violência doméstica é uma epidemia que contamina todo o ambiente

TEXTO

EQUIPES DA SME E DA
MULTIRIO

ILUSTRAÇÃO

ALINE CARNEIRO



familiar. Estatísticas mostram que homens que agredem suas parceiras também são violentos com as crianças dentro de casa. Além disso, estudos demonstram que filhos criados em famílias cuja mulher é submetida a violência apresentam problemas na escola.

Segundo a Declaração sobre a Eliminação da Violência contra as Mulheres (Resolução da Assembleia-geral da Organização das Nações Unidas – ONU, de dezembro de 1993), “a violência contra as mulheres é uma manifestação de relações de poder historicamente desiguais entre homens e mulheres que conduziram à dominação e à discriminação contra as mulheres pelos homens e impedem o pleno avanço das mulheres (...)”

Esse tipo de agressão acontece porque em nossa sociedade muita gente ainda acha que o melhor jeito de resolver um conflito é através

da violência e que os homens são mais fortes e superiores às mulheres. É assim que, muitas vezes, maridos, namorados, pais, irmãos, chefes e outros acham que têm o direito de impor suas vontades.

As escolas devem adotar conteúdos e práticas que contribuam para combater a violência contra as mulheres. As iniciativas devem promover a equidade de gênero, raça, opção sexual e etnia, e focalizar o problema da violência doméstica e familiar contra as mulheres, incluídas a discriminação e as agressões verbais, físicas, psicológicas, morais e sexuais.

Uma boa estratégia é a adoção de material didático – principalmente livros – que respeite a equidade de gênero.

A comunidade bem esclarecida e informada sobre o tema pode exigir ações específicas do Poder Público. ■

Modos de ver e agir

1. Do professor do caso

Concordei que com a palestra sobre a situação da mulher na sociedade poderíamos abordar outras questões sem provocar melindres ou polêmicas com a comunidade escolar. Principalmente, sem expor o casal – os pais do menino. Na verdade, minha primeira vontade foi procurar o pai e ter uma conversa franca com ele, mas temos que buscar ações educativas sempre e não repressão.

2. Da diretora convidada: Cybelle Fernandes

Acho importante nesse caso não só a ação com os responsáveis, mas também um grande trabalho com os alunos. Promover debates, cujos temas sejam não só a violência doméstica, mas também questões de gênero, as diferentes formas de preconceito, entre outros assuntos geradores de polêmica.

3. Da coordenadora pedagógica convidada: Marta Rita de Almeida

Minha primeira reação é ficar revoltada com a história. É terrível descobrir que alunos presenciem cenas como essa dentro de casa.

A escola costuma ser o centro de escape de alunos envolvidos em dramas familiares. Dessa forma, deve estar atenta e preparada para abordar o problema sem preconceito. Não devemos prejudicar nenhuma das partes, e sim dar apoio, através do diálogo, e, se for o caso, encaminhá-lo para órgãos competentes, como o Conselho Tutelar ou a polícia.

4. Da professora convidada: Luciene Couto

Os educadores devem agir de maneira preventiva em relação a questões tão delicadas como essa. Esses temas podem ser trabalhados de diferentes formas, como, por exemplo, a partir de dinâmicas de grupo, exibição de filmes, dramatizações e, principalmente, rodas de debate.

Desporto e cultura corporal

Há diferentes noções de corpo e desporto. O real sentido de desporto não é divulgado pela mídia ou pelo comércio do *fitness*. Desporto são jogos, esportes, danças, lutas e ginástica – ambiente onde há intensidade, regularidade, intencionalidade e controle.

Como o corpo constitui a nossa própria condição de existência, é essencial que nos preocupemos e estejamos constantemente atentos a suas modificações. Segundo Sant'anna (2001), evoluímos ao longo dos anos e o nosso corpo se sujeita às transformações desse tempo. Por isso, é correto que as pessoas não estejam totalmente habituadas com seus corpos ou satisfeitas com o desenvolvimento deles, já que em certos momentos eles podem parecer desconhecidos e abstratos. A história das culturas se caracteriza pela vontade de manter o corpo sob controle, se possível, desvendando-o à exaustão.

Só que hoje essa insatisfação e desejo de controle ultrapassam os limites do que realmente é essencial à vida. Percebemos que uma geração de narcisos pode ter sido formada a partir do desejo pelo próprio corpo, aliado a um modelo de corpo incessantemente perseguido (Silva, 1996). Segundo o autor (2001), o corpo parece gestar nas pessoas um novo arquétipo de felicidade, fundamentado no culto a ele próprio e no narcisismo como parte de uma neurose coletiva.

Costa (2006) afirma que uma das principais crenças dos indivíduos é a busca da felicidade, chave-mestra dos ideais formadores de sua identidade e apoiada em dois grandes suportes: o narcisismo e o hedonismo. Vertente do individualismo contemporâneo, a busca da identidade baseada no narcisismo coloca o sujeito ao mesmo tempo como ponto de partida e de chegada no cuidado consigo próprio. Ou seja, o que se é e o que se pretende ser passam a caber no espaço da preocupação do indivíduo consigo mesmo. Conceitos como os de família, pátria, deus, sociedade e futuras gerações só interessam ao narcisista como meios de realização pessoal, em geral entendida como auto-realização afetiva, econômica, sucesso pessoal ou bem-estar físico.

Assim, é cada vez maior o número de pessoas que se entregam ao processo de estilização e estetização de uma vida que se revê no seu lado imaginário, umbilicalmente ligado ao corpo, na saúde, na beleza, na juventude e na estética. Ninguém quer envelhecer. Todos querem ser jovens vitalícios, procurando viver a vida com avidez, na sua expressão corpórea mais evidente.

A relação entre corpo e moda é carregada de ambigüidades e tensões, na medida em que a moda atua na formação do corpo, valorizando nele determinadas zonas e aumentando ou reduzindo volumes. O corpo, por sua vez, limita a moda, impondo parâmetros objetivos de proporção, volume e medidas para a criação do estilista.

A moda, entendida não apenas como roupa e adereços, é uma das mais importantes dimensões do estilo de vida, assim como o corpo, que é *malhado* e produzido para alcançar o padrão estabelecido, que consiste em sentir-se e ser reconhecido como estando na moda. Músculos bem torneados são como roupas: expressam um lugar social e um estilo.

A mídia e a indústria da beleza são aspectos estruturadores da prática do culto ao corpo. A primeira, por mediar a temática, levando ao público as últimas novidades e descobertas tecnológicas e científicas, ditando e incorporando tendências. A segunda, por garantir a materialidade da tendência de comportamento que, como todo traço comportamental e/ou simbólico no mundo contemporâneo, só poderá existir se contar com um universo de objetos e produtos consumíveis, não se imaginando desvinculada do mercado de consumo.

Pensar o corpo e as práticas corporais é tarefa ampla, delicada e que não diz respeito apenas a uma ou outra áreas de conhecimento. Afinal, percebemos que a problemática em torno da cultura do corpo carece de reflexões profundas e constantes.

Compreendemos que no contexto da educação física isto deve permear o cotidiano do professor, seja em escolas, academias, clubes etc. Porque, apesar de não determos a exclusividade do trabalho com o corpo (que ►

ALBERTO JACOB FILHO



Rubem Machado Filho
Professor de educação física na E. M. Josué de Castro, Maré, (4ª CRE). Mestrando em educação física pela Universidade Metropolitana de Piracicaba (Unimep).

também está no contexto das artes, da medicina, da antropologia etc.), entendemos que, de certa forma, esta é uma área que lida com o corpo por excelência e com as pedagogias corporais (Silva, 2005).

Com a ampliação dos interesses pelo corpo e pelas práticas corporais, ampliam-se também as pedagogias do corpo. Se, por um lado, é positiva uma oferta maior de atividades corporais à população, por outro, corremos mais os riscos de nos submetermos aos modismos e reproduções que fazem parte de tudo o que diz respeito ao corpo.

Neste sentido, o professor de educação física deve refletir criticamente sobre o seu papel na sociedade, opondo-se aos modismos e agindo com discernimento em relação às práticas corporais. Se grande parte da população sucumbe aos apelos midiáticos e pós-modernos relativos ao corpo ideal, necessária se faz, cada vez mais, a presença de um profissional

que possa estabelecer um contraponto a essa cultura e não apenas continuar reproduzindo o ideal do corpo perfeito. Não que sejamos os únicos responsáveis, mas é importante que estejamos atentos e propaguemos o prazer pelo corpo e pelas práticas corporais, destituídos de modismos efêmeros. Quem sabe, assim, possamos alcançar outro sentido para o termo qualidade de vida? ■

Referências bibliográficas

- SÉRGIO, M. *et al.* *O sentido e a ação*. Lisboa, FMH, 1996.
- BENTO, J. O. Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação. In: Moreira, W. W. (org). *Século XXI: a era do corpo ativo*. Campinas, Papirus, 2006.
- GARCIA, W. *Corpo, mídia e representação: estudos contemporâneos*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2005.
- SILVA, A. M. *O corpo do mundo: algumas reflexões acerca da expectativa de corpo atual*. In: GRANDO, José Carlos (org.). *A (des)construção do corpo*. Blumenau, Edifurb, 2001.

Fique por dentro de tudo que a MULTIRIO faz para você

Cadastre seu e-mail e receba
semanalmente Notícias
MULTIRIO

Acesse www.multirio.rj.gov.br
ou ligue para 2528-8282

Olimpíadas escolares – propostas

Mesmo entre os professores que não atuam com “esporte de alto nível” há os que se envolvem e participam de jogos esportivos de diferentes naturezas (muitas vezes chamados erroneamente de olimpíadas). De uma forma ou de outra, esses professores acabam tendo que se envolver com tais atividades, seja arbitrando, conduzindo “equipes” ou até mesmo as organizando em meios escolares ou não (condomínios, ruas etc).

Este trabalho¹ é resultado da nossa prática participação nas mais diversas funções nessas formas de jogos. Já quando atuávamos como árbitros nessas competições, inconformávamos a estrutura delas. Mais ainda, assustávamos o comportamento dos alunos, muitas vezes estimulado e reforçado pelos professores – normalmente de educação física.

Esse inconformismo nos estimulou a buscar outros caminhos, à procura de novas possibilidades, embasadas em outros referenciais teóricos. Inquietava-nos a possibilidade de redimensionar tais jogos, sempre tão marcantes no âmbito escolar.

Jogos escolares: reflexões

Longe de formular um modelo a ser seguido na íntegra, pretendíamos apresentar as peculiaridades de uma proposta específica, que fosse adaptada e criticada segundo as necessidades e possibilidades de cada escola, região, público-alvo etc. Inicialmente, era nossa meta discutir a importância desses jogos no contexto escolar e, pragmaticamente – através da observação de sua existência como conteúdo –, propor

que a sua realização se desse a partir de uma concepção teórica diferenciada. Assim, acreditávamos que os jogos pudessem ser mais um dos elementos utilizados pelo professor de educação física em seu projeto pedagógico.

Nossa proposta de jogos escolares partiu da compreensão da necessidade de reorientar o processo de ensino-aprendizagem para permitir ao aluno perceber a natureza histórica dos conteúdos, compreender a produção humana como inesgotável e passível de mudanças e ter a consciência de suas possibilidades de intervenção nos rumos da sua vida e da sociedade que o cerca.

Partimos de uma crítica à restrição implícita no conceito de esporte atrelado apenas à idéia de alto rendimento e seus simulacros no cotidiano escolar. Nesta perspectiva, o esporte passa a suplantiar todas as outras manifestações da ►

TEXTO

MARCOS AVELAR DO NASCIMENTO (IN MEMORIAM) E
VICTOR ANDRADE DE MELO*

ILUSTRAÇÕES

ALINE CARNEIRO

*Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
Coordenador do Sport: Laboratorio de História do Esporte e do Lazer (www.sport.ifcs.ufrj.br) e do Anima: Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais (www.grupoanima.org)

¹ Este artigo é um resumo de trabalho publicado na década de 1990, realizado a partir de uma experiência prática conduzida por mim e pelo meu querido amigo Marcos Avellar, que lamentavelmente não está mais conosco. O gentil convite da revista NÓS DA ESCOLA me levou a uma breve revisão de alguns conceitos e fez emergir a saudade do velho irmão. Espero que essas reflexões ainda sejam úteis aos leitores. O trabalho pode ser consultado na íntegra em <http://www.uff.br/gef/avelar1.htm>.

cultura corporal e a ser considerado como fim em si mesmo, reprodutor de grandes competições. Seus fundamentos são passados de maneira uniforme e dirigida à obtenção de resultados. Neste cenário, os jogos escolares são momentos de singular importância. Porque é através deles que o professor-técnico percebe se o seu trabalho “obteve resultados”, com a vitória de seus alunos sobre os outros. É para eles que se direcionam as aulas voltadas ao “treinamento”. Assim, as competições não poucas vezes se transformam em verdadeiras batalhas entre turmas, filiais ou colégios.

De outra feita, partimos do princípio de que a disciplina educação física deve “desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, mímica e outras, que podem ser identificadas como forma de representação simbólica da realidade vivida pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas” (Coletivo de Autores, 1992, p. 38).

Embora nesta perspectiva o esporte permaneça importante, essa importância é dividida com outras manifestações, e seu ensino, diretamente ligado às necessidades de intervenção e compreensão sociais. Os aspectos técnicos não são abandonados, conquanto já não mais ocupem o centro do processo. Aliás, processo e intenções do esporte se equiparam em importância ao produto, agora não mais avaliado exclusivamente segundo rendimentos matemáticos. Com isso, busca-se uma ligação maior com o processo de emancipação, à medida que, a partir da reflexão, entabula-se um processo em que se tem “(...) solidariedade

substituindo individualismo, cooperação substituindo disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos, a emancipação negando a dominação e submissão do homem pelo homem” (ibid. p. 40). Concretamente, de forma breve, apresentaremos aqui duas das mudanças implementadas em nossa experiência de trabalho.

Mudança de denominação

As denominações olímpicas ou jogos olímpicos já trazem implícitos conteúdos propagados pelos meios de comunicação como: “Só os melhores chegam aos postos mais elevados”, “Todos têm oportunidades iguais de ganhar” ou “Fulano era pobre no esporte e hoje é rico com o esporte”.

Embora acreditemos que por si só a busca de uma nova denominação não seja suficientemente eficaz para estabelecer uma mudança de enfoque, ela é importante na medida em que deixa clara a diferença de proposta para os participantes, que, com certeza, não ficarão imunes aos meios de divulgação.

Denominações como jogos escolares ou jogos de confraternização, entre outras, podem expressar desde o início outra intenção que não a preconizada pelo campo esportivo e mais adequada, por conseguinte, ao que se espera de uma intervenção pedagógica escolar.

Formas de participação

Inicialmente, precisamos trabalhar a ampliação do conceito de participação, normalmente confundido apenas com envolvimento nas disputas. Consideramos que os envolvidos devem ser convocados a participar de todas as fases da atividade: discussão do projeto, planejamem-



to, regulamentação, organização, realização da arbitragem e também, obviamente, como componentes das equipes. A participação em cada fase vai depender do público-alvo, mas não se deve abrir mão do envolvimento de qualquer grupo que seja, em nenhuma das fases apresentadas. Esta idéia de participação desmistifica funções (como a do árbitro, do organizador), democratiza o acesso dos indivíduos a diferentes espaços de intervenção e pode servir como contribuição para a preparação do grupo para a vida democrática.

Além de nas olimpíadas tradicionais a participação se limitar aos jogos em si, delas só participam os mais capazes, os mais fortes – aqueles que atingem melhores resultados, com mais possibilidades de vitória. Resta aos que sobram torcer pelos melhores. Cremos que deve ser estimulada e garantida a participação de todos em equipes e competições, independentemente de rendimento ou potencial técnico, já que esses não devem ser os objetivos centrais dos jogos.

À guisa de conclusão

Enfim, desde a década de 1980, vem se discutindo a necessidade de serem formuladas alternativas paradigmáticas para a prática pedagógica da educação física. O que devemos é discutir alguns princípios de atuação que denotem essa busca teórica e a efetivem em termos práticos – neste caso, pondo em foco uma das atividades escolares de grande

presença e relevância: os jogos escolares. É preciso ficar claro que em nenhum momento apregoamos a dicotomia teoria-prática, mas sim a sua relação dialética.

Neste sentido, é necessário que o professor de educação física não perca de vista a importância da ousadia pedagógica, da busca de novos caminhos que possam dar respostas às inúmeras indagações que temos a responder em nossa área de conhecimento. Devemos ser suficientemente hábeis para realizarmos mediações dentro do sistema em que vivemos, para que possamos implementar nossas propostas sem que, com isso, tenhamos de corromper seus objetivos.

Para isso, é imprescindível que o professor de educação física detenha todos os conhecimentos teóricos que lhe serão de valia nesta caminhada, não lhe bastando apenas os conhecimentos técnicos de sua área de conhecimento. É necessária visão acerca de aspectos históricos, sociológicos, filosóficos e outros na busca do entendimento dos determinantes sociopolítico-econômicos que regem a sociedade. ■

Referências bibliográficas

- BOURDIER, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- BRACHT, Valter. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre, Magister, 1992.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo, Cortez, 1992.

O desafio do meio ambiente

Poluição preocupa atletas e dispara o alerta para um dos maiores nós do desenvolvimento chinês

TEXTO
JULIANA SARTORE
ARTE
DAVID MACEDO

Três décadas de crescimento acelerado custaram à China um grande passivo ambiental que salta aos olhos do mundo com as Olimpíadas de Pequim. Enquanto sustentava um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) que chegou a ultrapassar a casa dos 10% nos últimos anos, o gigante país asiático acumulou outros grandes índices menos dignos de propaganda.

Em junho, a China passou a liderar mais um *ranking* no planeta, o de emissão de gases causadores do aquecimento global. A poluição, que em alguns dias pode ser vista a olhos nus sob a forma de uma cortina de fumaça no ar, atinge também a água, com 70% dos rios, lagos e reservatórios do país poluídos, chuva ácida em 30% do território e contaminação de 90% dos lençóis freáticos das cidades.

Os dados que revelam a má qualidade do ar e da água se refletem em problemas de saúde de milhares de chineses. Segundo estimativas do Banco Mundial, 750 mil pessoas morrem por ano na China devido à contaminação do ar e da água. A instituição afirma também que 16 das 20 cidades mais poluídas do mundo estão na China. Pequim é uma delas.

É este panorama que vem assustando alguns atletas, que vêem nas competições na China uma chance de subir ao pódio, mas também um risco à saúde. Preocupados com o bom funcionamento de seu principal instrumento de trabalho, o corpo, eles vêm adiando o sonho da primeira ou de mais uma medalha olímpica para os jogos de Londres, em 2012.

Uma das primeiras competidoras a desistir foi a atual campeã olímpica de tênis, a belga Justine Henin. Em novembro do ano passado, Justine declarou que não iria mais a Pequim por causa da poluição do ar na cidade, que poderia agravar a sua asma. Em março deste ano, foi a vez do fundista bicampeão olímpico e tetracampeão mundial, Haile Gebrselassie, da Etiópia. Ele desistiu da disputa pelos 42 quilômetros e decidiu correr apenas a prova dos 10 mil metros, também receoso de que a

poluição prejudicasse seus pulmões, acentuando o seu quadro asmático.

Preocupada com a saúde das seleções feminina e masculina, a Confederação Brasileira de Handebol (CBHb) optou por preparar melhor os jogadores para as condições adversas do ar em Pequim. “Para um atleta olímpico, detalhes fazem a diferença. Um desconforto respiratório pode atrapalhar a concentração e diminuir o rendimento. O desgaste causado pelo esforço de respirar pode gerar cansaço e prejudicar bastante o desempenho. E todas as informações disponíveis indicam que o nível de poluição do ar na China é o dobro do encontrado no Brasil. Então, tecnicamente, temos que nos preparar para a situação mais difícil”, diz o diretor médico da CBHb, Antônio Carlos da Silva.

O trabalho de prevenção envolveu uma avaliação global dos atletas para identificar aqueles com sensibilidade respiratória maior. “O atleta com maior sensibilidade terá que fazer um esforço respiratório maior quando for exposto aos agentes poluentes. Então, trabalhamos o fortalecimento muscular respiratório dos jogadores para que eles possam tolerar esse esforço extra sem sentir fadiga”, explica Antônio Carlos.

A análise das condições físicas dos atletas feita no Brasil contribui ainda para formar um quadro de controle. Novos testes serão feitos na China e indicarão se os jogadores estão sofrendo os efeitos da poluição, além de subsidiar novas intervenções. As medidas preventivas em território chinês incluem ainda atitudes mais rígidas na rotina dos atletas, segundo Antônio Carlos. “Orientaremos os jogadores para que evitem ambientes externos em certos horários e locais, em que os índices de poluição são maiores. Mas vamos também levar máscaras de proteção com filtro de carbono ativado, específicas para o ar poluído, que usaremos em caso de necessidade de exposição aos agentes poluentes”.

Restrições para os jogos – Diante de tanto alarde, o governo chinês tomou algumas medidas para tentar dissipar a cortina cinza que insiste em encobrir o céu de Pequim, pelo menos no período das Olimpíadas e dos Jogos Paralímpicos. A principal delas foi anunciada em junho e pretende também desobstruir o tráfego da cidade. De 20 de julho a 20 de setembro, donos de carros particulares só poderão usar seus veículos em dias alternados, dependendo do último número da placa do carro (par ou ímpar). Para suprir a necessidade de transporte, o horário dos ônibus e de outros meios de transporte público será ampliado durante esse período.

A medida temporária também prevê que caminhões e outros veículos que produzem maiores emissões de dióxido de carbono sejam proibidos de entrar em Pequim. Com essas e outras medidas para reduzir níveis de poluição em usinas químicas, a degradação do ar deve diminuir cerca de 63%, de acordo com Du Shaozhong, porta-voz da agência de proteção ambiental da cidade.

O governo chinês também pretende realocar os maiores produtores de aço da capital e proibir províncias vizinhas de queimar palha, além de cogitar o fechamento de fábricas no norte da China, incluindo siderúrgicas e fábricas de carvão e coque, cujas emissões contribuem para a poluição do ar em cidades distantes, como Pequim.

As medidas para deixar o ar de Pequim mais leve tentam minimizar, pelo menos temporariamente, efeitos já conhecidos na população urbana na China. Enquanto a saúde dos moradores é atingida, os índices de poluição do ar geram também grandes prejuízos aos cofres do país. Estudo divulgado no ano passado pelo Banco Mundial estimou que a poluição gera prejuízos anuais equivalentes a 5,8% do PIB chinês, o equivalente a cerca de US\$ 200 bilhões. Os números apontam que 4,3% do PIB se perdem devido à morte prematura de pessoas vítimas de doenças provocadas pela má qualidade do ar ou da água. O restante (1,5%) está relacionado aos danos materiais, como prejuízos agrícolas devido à contaminação da terra e das águas.

A má qualidade do ar é o problema mais evidente na China, provocado, principalmente,

pelo uso do carvão como fonte de energia. Altamente poluente, o mineral gerou um grande impasse ambiental para o país, que depende dele para sustentar suas indústrias e o seu crescimento. A China é hoje o segundo maior consumidor de energia do mundo, depois dos Estados Unidos, e 68% de sua demanda de energia são atendidos pelo carvão. Estatísticas não-oficiais mais recentes, de diferentes consultorias internacionais, chegam a apontar que de 70% a 80% da energia chinesa provém do carvão. À combustão nociva do carvão, soma-se o aumento acelerado do número de automóveis nas cidades chinesas.

Projeções ambientais – Num país que tende às grandes estatísticas, devido ao imenso contingente populacional, os números referentes ao meio ambiente tendem a piorar. O aumento de renda observado na China é considerado ainda o início de um processo, que deve se intensificar e acelerar o consumo de automóveis, a produção e as emissões de gases poluentes de fábricas e veículos nas próximas décadas. O cenário tem gerado pressão popular significativa para que o governo conduza as mudanças. Em 2005, foram mais de 50 mil manifestações contra a poluição no país, e as autoridades já anunciaram algumas formas de tentar conter a ameaça cinza.

O Plano Quinquenal projetado para o período 2006-10 prevê aumentar de 7% para 10% a participação de fontes renováveis na matriz energética do país e reduzir em 10% as emissões de gases poluentes.

A China vem, de fato, intensificando seus investimentos em fontes renováveis de energia. Em 2005, segundo a organização independente de pesquisa World Watch Institute, o país liderou os investimentos no setor em todo o mundo, aplicando US\$ 6 bilhões, excluídos os gastos em grandes hidrelétricas. Em 2006, o investimento foi de US\$ 10 bilhões, superado apenas pelo da Alemanha. Entre as metas do governo para os próximos anos, estão quintuplicar a geração de energia nuclear, fechar fábricas poluidoras e investir mais de US\$ 40 bilhões em tratamento de esgoto até 2010. Os planos impressionam e abrem caminho para que o mundo possa ao menos vislumbrar a possibilidade de uma China mais sustentável. ■

Desponta a questão tibetana

A luta da província chinesa por liberdade religiosa e cultural ganha visibilidade com os Jogos Olímpicos

TEXTO Poucas vezes na história o mundo ouviu falar tanto no Tibete como nos meses que antecederam os Jogos Olímpicos de Pequim. As Olimpíadas, tão importantes para que a China se mostrasse ao mundo como nação moderna, dinâmica e unificada, foram também os holofotes esperados há décadas por ativistas internacionais e tibetanos para realçar na mídia o movimento por maior autonomia em relação ao domínio chinês.

JULIANA SARTORE

FOTO

WWW.TCHRD.ORG

As manifestações ocorridas em Lhasa, a capital do Tibete, em março, atraíram grande atenção internacional. Iniciado depois da suposta prisão de monges budistas, que faziam uma passeata para lembrar o 49º aniversário do Levante de Lhasa, o conflito envolveu centenas de monges e civis tibetanos que enfrentaram soldados do governo de Pequim e chineses da etnia majoritária Han, que apóiam a política de opressão das autoridades da China. Apesar da atenção da mídia internacional, Pequim enviou centenas de soldados à região e ocupou as ruas com tanques, além de expulsar jornalistas de Lhasa e censurar canais de TV e páginas de internet que veiculavam imagens do conflito.

Como um grito de alerta, depois de anos de uma resistência sem violência, o confronto foi considerado o mais contundente desde o Levante de Lhasa, em 1959, com baixas que variam de 13, segundo o governo local, a 99, segundo fontes tibetanas. A retaliação chinesa gerou repúdio em todo o mundo, com maior evidência para a passagem da tocha olímpica, acompanhada por manifestações pró-Tibete em seu caminho até Pequim.

Como tudo começou – Para entender a relação entre o Tibete e a China, é necessário saber mais sobre a história da região. O Tibete se localiza na Ásia Central, tem cerca de 1,2 milhão de quilômetros quadrados e está a uma altitude em torno de 5 mil metros. Seu isolamento geográfico favoreceu o surgimento de uma civilização com características próprias.

A região é uma terra fértil, com um subsolo rico em cobre, zinco e até urânio. Suas reservas de minério de ferro podem suprir até 20% da demanda do mineral na China.

A história do povo tibetano começou em 127 a.C., quando uma dinastia militar se fixou no Vale de Yarlung e reinou durante cerca de oito séculos. A partir de 617 d.C, o imperador Songtsen Gampo deixou como legado o alfabeto tibetano, um sistema legal baseado no princípio moral e vários templos budistas construídos. No século VII, o Tibete se tornou o centro do lamaísmo, religião baseada no budismo. Depois de uma campanha de expansão militar que ocupou a China e regiões vizinhas, o território estabeleceu suas fronteiras num acordo formal de paz com a China, entre os anos 821 e 823 da era cristã.

No século XIII, a expansão militar do império mongol forçou os tibetanos a prometer lealdade ao império em troca de proteção e autonomia. Os tibetanos afirmam que a independência do país não foi ferida no acordo. Mas os chineses sustentam outra versão, segundo a qual o Tibete teria sido anexado à China a partir da invasão mongólica.

Nos séculos seguintes, as relações entre China e Tibete tiveram altos e baixos, mas a autonomia do território foi mantida durante a dinastia Ming (1386-1644) e parte da Quing (1644-1911). A paz, entretanto, foi interrompida em 1720, com a morte do quinto Dalai-Lama tibetano, seguida por intrigas que enfraqueceram o poder central. Os chineses aproveitaram a oportunidade para avançar sobre o Tibete, anexando-o. A invasão durou até 1911, com a queda da dinastia Quing.

Entre 1911 e 1950, o Tibete conseguiu manter um status de país independente. Mas ameaças à autonomia ressurgiram em 1949, com investidas militares comandadas pelas tropas do líder comunista Mao Tsé-Tung. Em 1950, o país foi ocupado e se tornou província chinesa. A ação militar deixou, segundo o Movimento Inter-

nacional pela Independência do Tibete (www.rangsen.com), mais de 10 mil mortos.

Desde então, instaurou-se no país um regime que cerceia a liberdade cultural e religiosa de uma nação enraizada nas tradições do budismo. Quando a Revolução Cultural chinesa chegou ao Tibete, em 1966, intensificou-se o trabalho forçado e a execução, tortura e prisão de milhares de freiras e monges. Seis mil templos foram desfeitos e objetos de arte e de culto roubados, vendidos no mercado internacional ou destruídos. Tudo o que remetesse à identidade tibetana foi perseguido, com o propósito de apagar quaisquer vestígios das tradições milenares do povo tibetano. Hoje, os mosteiros que restaram são vigiados por soldados e o número de monges é controlado.

A fim de deixar clara a sua condição de Estado independente, uma delegação tibetana visitou Pequim em 1951. Só que, sob ameaça de retaliação militar, o encontro terminou com a assinatura, pelos visitantes, do Acordo dos 17 Pontos, que ratificava o domínio chinês. Em 1954, o Dalai-Lama viajou a Pequim para conversações de paz com Mao, mas o diálogo não avançou. Uma grande insurreição popular tomou corpo em março de 1959 no Tibete. O levante de Lhasa, como ficou conhecida, acabou fracassando, devido a uma violenta repressão do exército chinês, que dizimou 87 mil tibetanos e levou o Dalai-Lama a fugir para a Índia. No exílio, o líder estruturou uma democracia parlamentarista instalada na cidade indiana de Dharamsala.

Devido a grande pressão internacional, o Tibete foi declarado região autônoma em 1963, embora, de fato, o seu governo continuasse submetido à China. Desde o final da década de 1990, a província enfrenta ainda o incentivo de Pequim à transmigração de chineses da etnia Han, que já representa parte expressiva da população, numa tentativa de enfraquecer a identidade tibetana e o movimento de autonomia. Há ainda o esforço chinês em controlar a sucessão do Dalai-Lama, através da nomeação do 11º Panchen-Lama, imposto pelo governo de Pequim.

O caminho do meio – Os protestos de março deste ano parecem reacender uma postura de enfrentamento entre os tibetanos, um com-



Tropas no Monastério de Drepung, em Lhasa

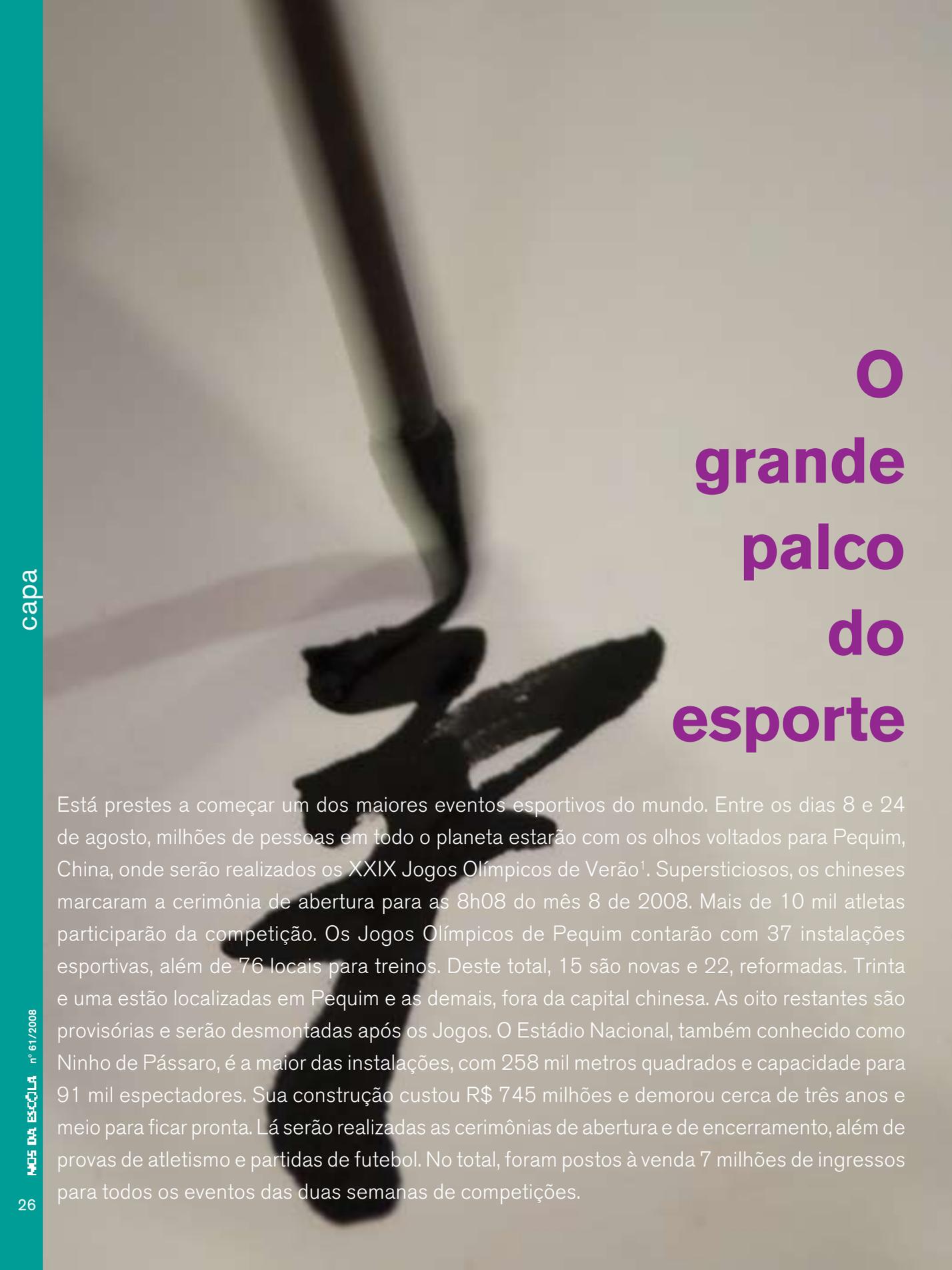
portamento que contraria a estratégia pacífica adotada pelo Dalai-Lama Tenzin Gyatso, que assumiu a liderança política e espiritual da China em 1950, ainda aos 15 anos.

O budismo tibetano atribui a seu líder espiritual o título de Dalai-Lama, que significa “oceano de sabedoria”, e lhe confere também o poder de governo. O Dalai-Lama é considerado uma reencarnação de líderes espirituais ancestrais.

Desde a década de 1970, o Dalai-Lama busca defender a causa tibetana pelo chamado Caminho do Meio, o equilíbrio das paixões. Segundo este princípio, o Tibete não buscaria a independência irrestrita, mas a autonomia cultural e religiosa, permanecendo integrado ao território e à estrutura política da China. O posicionamento reflete, além de uma flexibilização em favor da preservação da estabilidade na região, a preocupação do líder com a viabilidade econômica do Tibete sem um possível apoio do gigante asiático.

Para levar à frente a sua estratégia de não-violência baseada na pressão internacional, o Dalai-Lama buscou a simpatia de outras nações à sua mensagem de libertação do povo tibetano, espalhando o seu carisma em visitas a governantes no mundo todo. Em 1989, o seu prestígio lhe rendeu o Prêmio Nobel da Paz. No mesmo ano, a causa tibetana ganhou força no Ocidente após o massacre de manifestantes pelo exército chinês na Praça da Paz Celestial.

Mas as tentativas de estabelecer um diálogo com Pequim só foram atendidas em 2002, com a primeira rodada de conversações entre os representantes do Dalai-Lama e as lideranças chinesas. Após a quinta rodada, em fevereiro de 2006, as autoridades chinesas desencadearam uma campanha de difamação do Dalai-Lama – acusado de “falso líder religioso” e “agente duplo” – e as negociações não avançaram. ■



O grande palco do esporte

Está prestes a começar um dos maiores eventos esportivos do mundo. Entre os dias 8 e 24 de agosto, milhões de pessoas em todo o planeta estarão com os olhos voltados para Pequim, China, onde serão realizados os XXIX Jogos Olímpicos de Verão¹. Supersticiosos, os chineses marcaram a cerimônia de abertura para as 8h08 do mês 8 de 2008. Mais de 10 mil atletas participarão da competição. Os Jogos Olímpicos de Pequim contarão com 37 instalações esportivas, além de 76 locais para treinos. Deste total, 15 são novas e 22, reformadas. Trinta e uma estão localizadas em Pequim e as demais, fora da capital chinesa. As oito restantes são provisórias e serão desmontadas após os Jogos. O Estádio Nacional, também conhecido como Ninho de Pássaro, é a maior das instalações, com 258 mil metros quadrados e capacidade para 91 mil espectadores. Sua construção custou R\$ 745 milhões e demorou cerca de três anos e meio para ficar pronta. Lá serão realizadas as cerimônias de abertura e de encerramento, além de provas de atletismo e partidas de futebol. No total, foram postos à venda 7 milhões de ingressos para todos os eventos das duas semanas de competições.

Décimo-oitavo país a sediar uma olimpíada, a República Popular da China foi estabelecida em 1º de outubro de 1949, quando os exércitos vermelhos, liderados por Mao Tse-Tung (1893-1976), tomaram o poder e puseram termo a um histórico de dominação internacional remanescente a 1840. Cinqüenta e quatro anos depois, a China é hoje um país de economia em franco crescimento e que vem transformando uma sociedade milenar em potência mundial. Ainda vítima de desigualdades, esta nação de 1,3 bilhão de pessoas (o que corresponde a mais de 20% da população do planeta) está em mudança contínua.

Desse total, 15 milhões vivem em Pequim, uma das maiores metrópoles do planeta. A capital chinesa será a sede das Olimpíadas pela primeira vez na história. A cidade foi escolhida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) depois de ter vencido uma disputa contra nove outras candidatas: Bangcoc (Tailândia), Cairo (Egito), Havana (Cuba), Kuala Lumpur (Malásia) e Sevilha (Espanha), eliminadas na primeira fase, além de Toronto (Canadá), Paris (França), Istambul (Turquia) e Osaka (Japão).

A vitória da China suscitou críticas de opositores ao regime totalitário do país, acusado de desrespeitar direitos humanos. Um dos episódios emblemáticos dessa polêmica foram as manifestações contra a repressão chinesa ao Tibete, quando da passagem da tocha olímpica por cidades escolhidas para promover o evento (*leia texto na página 24*). Mas também foram registradas manifestações de apoio aos Jogos.

Nova Pequim – Para acabar com a fama de país fechado, a China tenta se promover como nação moderna, de economia dinâmica, que está se abrindo ao mundo. A capital é um grande exemplo do momento que vive o país. Devido ao *boom* econômico e também à realização dos Jogos, a cidade se transformou em um canteiro de obras e agora está renovada. Não por acaso, o lema dos Jogos é “Nova Pequim, Grandes Olimpíadas”. O empenho tem justificativa concreta: a organização espera a visita de 500 mil turistas durante o evento, e para receber essa gente toda já foram construídos 57 novos hotéis na cidade.

Além de importante para a economia, um evento do porte de uma olimpíada é fundamental

para incentivar a prática do esporte em um país. “Veja o exemplo do Pan no Rio de Janeiro. Tivemos investimentos em equipamentos, na realização de competições internacionais, na preparação dos ginastas. Houve ainda grande interesse da imprensa em acompanhar, conhecer e divulgar diferentes modalidades esportivas. Esse conjunto de ações trouxe novos ídolos e popularizou esportes pouco conhecidos entre milhares de jovens. Famílias que estiveram nos ginásios para torcer irão procurar esses esportes para seus filhos. Além disso, empresários se sentem motivados a patrocinar atletas e entidades”, afirma a presidente da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), Vicélia Florenzano.

A opinião é compartilhada pelo presidente da Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), Roberto Gesta de Melo. “Uma olimpíada serve como motivação para a prática esportiva. Existe uma dimensão humana que transcende o esporte. Eventos como esses ensinam os jovens a valorizar qualidades como a solidariedade. Jovens do mundo inteiro se reúnem para um festival de confraternização, de louvor à excelência física e se despem de outras motivações, além da vitória no campo esportivo”, resume.

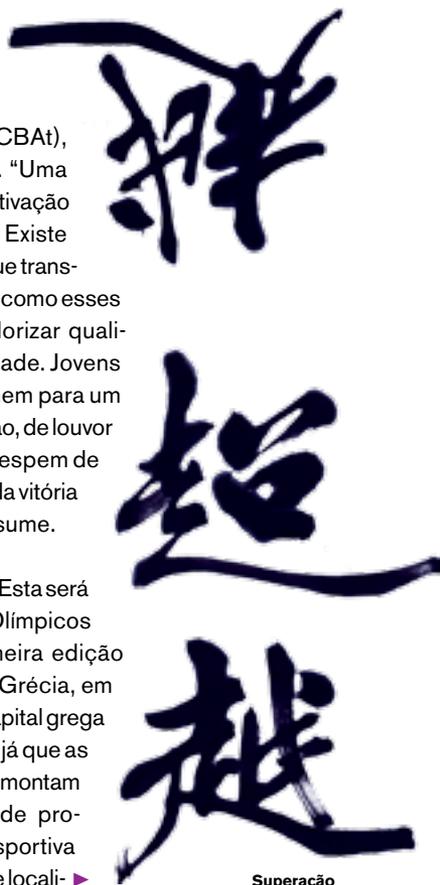
Trégua para os Jogos – Esta será a 29ª edição dos Jogos Olímpicos da era moderna. A primeira edição foi realizada em Atenas, Grécia, em 1896. Não por acaso, a capital grega foi escolhida como sede, já que as origens das Olimpíadas remontam à Grécia Antiga. A idéia de promover uma celebração esportiva reunindo competidores de locali- ▶

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO, A PARTIR DE IDEOGRAMAS PRODUZIDOS POR CHANG TA. AGRADECEMOS A CHANG CHI CHAI, QUE VIABILIZOU A REALIZAÇÃO DAS FOTOS EM SEU ESTÚDIO



Superação

¹Além dos Jogos Olímpicos de Verão, existem também os de Inverno, realizados a cada quatro anos e que reúnem provas desportivas executadas no gelo ou na neve. Até 1992, aconteciam nos mesmos anos dos Jogos de Verão. A partir de 1994, passaram a ser realizados nos anos pares em que não houvesse Olimpíadas de Verão. As sedes são sempre separadas.

dades diversas surgiu em torno de 2.500 a.C., época em que os gregos realizavam festivais em homenagem ao deus Zeus. Os Jogos passaram a ter papel essencial na cultura grega. A importância do evento era tanta que até mesmo guerras eram interrompidas. Esse ritual era conhecido como “trégua sagrada”.

O termo olimpíada foi cunhado em 776 a.C., quando os nomes dos vencedores das competições passaram a ser registrados. Naquele ano, Ifitos, rei da cidade de Ilia, fez uma aliança com Licurgo, rei de Esparta, e Clístenes, rei de Píssa, que foi selada no templo da deusa Hera, no santuário da cidade de Olímpia. O acordo entre os nobres permitiu que houvesse trégua em toda a Grécia durante a realização dos Jogos. Durante a Guerra do Peloponeso (431 a.C.), os adversários teriam interrompido os combates para poder competir nos Jogos, retornando à luta somente depois



Campeão

do fim das competições. Vencer jogos olímpicos era um feito consagrado para o atleta, que era recebido com honras de herói ao voltar à cidade natal.

Depois dos primeiros Jogos Olímpicos, foi decidido que as competições seriam realizadas num intervalo de quatro anos, nos meses de julho ou agosto. Com o passar do tempo, o número de modalidades aumentou, chegando a 10, no século V a.C., durante cinco dias de evento. Eram elas corrida, arremesso de disco, salto em distância, lançamento de dardo, luta, boxe, pancrácio (uma espécie de luta, em que são usadas as mãos e os pés para atacar o oponente), corrida de bigas e de cavalos e

o pentatlo (que incluía as cinco primeiras modalidades). Inicialmente, era oferecida uma coroa de louros aos vencedores, que depois passaram a receber o prêmio em dinheiro. Era permitida apenas a participação de cidadãos livres que nunca tivessem cometido crimes. As competi-

As mascotes de Pequim 2008

Toda Olimpíada que se preze precisa ter uma boa mascote. Peças de promoção dos eventos, especialmente, entre crianças e jovens, as mascotes acabam por ficar gravadas na lembrança do público anos depois do fim dos Jogos. Parte disso se deve, é claro, ao fato de suas imagens estarem estampadas em todo o material promocional. De qualquer forma, elas buscam criar um laço afetivo do público, incluindo telespectadores, com as competições. Qualquer pessoa com idade suficiente para ter assistido às Olimpíadas de Moscou, em 1980, se lembra do ursinho Misha chorando na cerimônia de encerramento.

Os organizadores dos Jogos Olímpicos de Pequim criaram cinco mascotes, chamadas *fuwas* (ou bonecos da sorte, em tradução livre), que têm as cores dos cinco anéis olímpicos e levam uma mensagem de paz, amizade e boa sorte para as crianças de todo o planeta. Os personagens representam cinco crianças e também remetem a quatro animais e à tocha olímpica.

A primeira das seis mascotes é Beibei, que representa um peixe, um dos símbolos chineses de prosperidade. Relaciona-se ainda à água e, conseqüentemente, aos

esportes aquáticos. É o equivalente ao anel azul da bandeira olímpica, representando a Europa. Jingjing é um panda, representa honestidade e otimismo, e remete aos esportes de força, como o judô e o levantamento de peso. Faz menção ao anel preto da bandeira, representando a África, e seu elemento é a madeira. Huanhuan é a própria chama olímpica. Tem a cor vermelha e representa as Américas, além dos jogos com bola. Seu elemento da natureza é o fogo. Yingying é um antílope tibetano, animal em extinção típico do país. Relaciona-se à saúde, sua cor é o amarelo, correspondente à Ásia, e está associado ao atletismo. Seu elemento é a terra. Por último, há Nini, uma andorinha, que representa a ginástica olímpica, simboliza a Oceania e seu elemento é o céu. Ao juntar os nomes dos mascotes, forma-se a expressão “Bem-vindo a Beijing!”, que em chinês é “Bei jing huan ying ni”.

¹Beijing é a forma usada pelos chineses e por boa parte do mundo para escrever o nome da capital da China no alfabeto utilizado no Ocidente. No Brasil, ainda se usa a grafia Pequim (*leia mais sobre o nome da cidade na página 5 da edição 60 de NÓS DA ESCOLA*).

ções só podiam ser assistidas por homens, com exceção das sacerdotisas de Deméter (Ceres para os romanos), deusa da agricultura.

Os Jogos entraram em declínio com a invasão e subsequente domínio da Grécia pelos romanos em 456 a.C. No ano 392 d.C., o imperador Teodósio I converteu-se ao cristianismo e acabou com todas as festas pagãs, incluindo as Olimpíadas. Desde 776 a.C. até a última edição, foram realizados 293 Jogos. As Olimpíadas só retornaram no final do século XIX, quando foram realizados os Jogos de Atenas, em 1896, por iniciativa do francês Pierre de Coubertin (1863-1937), idealizador dos jogos modernos e criador do COI, entidade que até hoje organiza a competição. No dia 6 de abril de 1896, um público de cerca de 60 mil pessoas presenciou a abertura dos Jogos, que contaram com a participação de 14 países e 241 atletas. Os grandes vencedores da primeira edição das olimpíadas da era moderna foram os Estados Unidos. Os norte-americanos venceram 11 provas, sendo nove só no atletismo. No total, nove modalidades foram disputadas e 122 medalhas distribuídas. O Brasil não enviou atletas.

A estréia brasileira só aconteceu na sexta olimpíada, realizada em Antuérpia, Bélgica, em 1920. Aquela edição dos Jogos foi a primeira depois de oito anos, devido à impossibilidade de sua realização durante a Primeira Guerra Mundial (1914-18). O Brasil estreou bem, ficando na 15ª colocação. Nossa delegação conquistou três medalhas, todas elas no tiro. O tenente de exército Guilherme Paraense tornou-se o primeiro atleta sul-americano a conquistar medalha de ouro em uma olimpíada, ao vencer a prova de

pistola de velocidade, ou tiro rápido. O Brasil ainda levou para casa duas medalhas na categoria pistola livre: a prata, no individual, com Afrânio da Costa, e o bronze, por equipes, com Paraense, Costa, Sebastião Wolf, Dario Barbosa e Fernando Soledade. Uma curiosidade é que a equipe brasileira teve armas e munição furtadas durante a viagem e foi obrigada a usar armamentos emprestados pelos norte-americanos. Além do tiro, o Brasil ainda participou das provas de natação, saltos ornamentais, pólo aquático e remo.

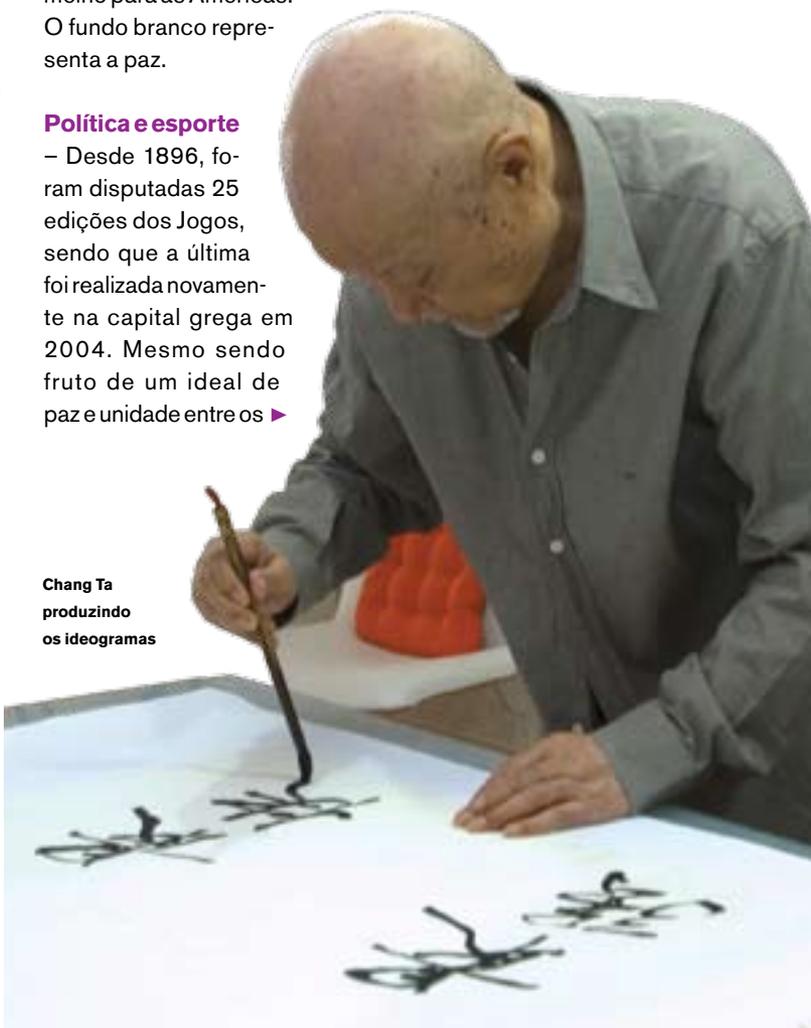
Na Antuérpia, foi hasteada pela primeira vez a bandeira olímpica, que se tornou um dos maiores símbolos do esporte. São cinco anéis de cores diferentes que representam os continentes: azul para a Europa, amarelo para a Ásia, preto para a África, verde para a Oceania e vermelho para as Américas.

O fundo branco representa a paz.

Política e esporte

– Desde 1896, foram disputadas 25 edições dos Jogos, sendo que a última foi realizada novamente na capital grega em 2004. Mesmo sendo fruto de um ideal de paz e unidade entre os ►

Chang Ta
produzindo
os ideogramas





Diversidade

povos, as Olimpíadas não ficaram imunes a acontecimentos políticos e sociais. Por duas vezes, elas deixaram de ser disputadas devido a conflitos entre nações. Em 1916, programadas para Berlim, Alemanha, tiveram que ser suspensas devido à Primeira Guerra Mundial. Em 1940 e 1944, deixaram de ser disputadas em Tóquio e Londres, respectivamente, por causa da Segunda Guerra Mundial (1939-45).

Apesar de perder a oportunidade de sediar os Jogos Olímpicos em 1916, Berlim foi o palco das Olimpíadas de 1936. A cidade foi eleita como sede em 1931, antes da ascensão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, de Adolf Hitler, ao poder. Cinco anos depois, o mundo já se sentia ameaçado pela retórica e o expansionismo dos alemães. O COI ainda tentou tirar a competição da capital germânica, mas sem sucesso. Os Jogos foram planejados para ser uma apoteose do nazismo e de suas teorias de superioridade da raça ariana, desde a organização impecável até a preparação dos atletas. No entanto, o grande destaque de Berlim foi o norte-americano Jesse Owens (1913-80), atleta negro, que foi vitorioso nos 100m, 200m, revezamento 4 x 100m e salto em distância. Para não ter que apertar a mão do corredor, Hitler evitou participar de qualquer das cerimônias de entrega de medalhas dali em diante.

Em 1968, no México, os também norte-americanos Tommie Smith e John Carlos protagonizaram uma das imagens mais famosas das Olimpíadas. Ao receber, respectivamente, as medalhas de ouro e bronze na prova dos 200m do atletismo, ambos ergueram aos céus o punho cerrado de uma das mãos, vestido de uma luva negra, sinal característico do *black power*, matriz ideológica do partido revolucionário dos Panteras Negras, que lutava pelos direitos dos negros nos EUA, em protesto contra a discriminação racial no país. Além disso, ouviram o hino nacional norte-americano de cabeça baixa. Na época, o gesto teve repercussão negativa tanto junto ao COI, que os baniu dos Jogos, quanto em seu próprio país. Quarenta anos depois, o acontecimento é visto como um marco na luta pelos direitos civis nos EUA.

Quatro anos mais tarde, as Olimpíadas de Munique foram palco de um dos episódios mais aterradores da história do esporte. O grupo palestino Setembro Negro seqüestrou 11 atletas israelenses. Dois foram executados ainda na Vila Olímpica. Os outros nove foram mortos no aeroporto militar da cidade de Fürstfeldbruck, para onde os reféns foram levados numa tentativa dos seqüestradores de deixar a Alemanha. No aeroporto, durante conflito com a polícia alemã, os protagonistas do incidente também foram mortos, à exceção de três, que foram presos. Mais tarde, dois foram mortos pelo serviço secreto israelense, o Mossad, e um permanece vivo até hoje, escondido em um país árabe desconhecido. A caça dos israelenses aos responsáveis pelo massacre foi retratada no filme *Munique* (2006), de Steven Spielberg.

A guerra fria também não ficou ausente da história das Olimpíadas. Em protesto contra a invasão soviética ao Afeganistão, de dezembro de 1979, os EUA boicotaram os Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, juntamente com outros 61 países. O troco veio em 1984, quando a União Soviética boicotou os Jogos de Los Angeles, junto com os países do Leste europeu e Cuba. Ao todo, 17 nações estiveram ausentes. Paradoxalmente, os Jogos marcaram a volta da China – também comunista, mas com divergências em relação aos soviéticos – às competições olímpicas pela primeira vez desde 1936.

Estados independentes – Os Jogos de Barcelona, em 1992, refletiram as mudanças na geopolítica mundial. O fim da União Soviética em 1991 deu origem a 15 repúblicas. Não houve tempo hábil para a organização do evento se adaptar às mudanças. Por isso, os novos países desfilaram sob o nome de Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Entretanto, nas cerimônias de premiação, a bandeira de cada república era içada. Estônia, Letônia e Lituânia voltaram aos Jogos depois de meio século de ocupação soviética. A Albânia também voltou, após o fim da ditadura comunista. Outro retorno foi o da África do Sul, depois do término do regime segregador do *apartheid*. Em contrapartida, a Iugoslávia foi proibida de participar da olimpíada, devido à sua investida militar contra Croácia e Bósnia. Os atletas iugoslavos só puderam competir como independentes em disputas individuais.

A grande expectativa para as Olimpíadas de 1996, centenário dos Jogos da era moderna, era que fosse sediada por Atenas, onde tudo começou. Entretanto, a vencedora foi a cidade de Atlanta, nos EUA. A capital grega só voltou a sediar os Jogos em 2004. O ano marcou a melhor *performance* brasileira na história da competição. Com cinco medalhas de ouro, o Brasil superou o seu desempenho em Atlanta, quando ganhou três. No total, os atletas bra-

sileiros conquistaram 10 medalhas em 2004. Além das cinco de ouro, foram duas de prata e três de bronze. Além disso, o país ficou em 16º lugar no quadro geral de medalhas, sua melhor colocação desde a estréia em olimpíadas em 1920, quando ficou em 15º.

Mas, infelizmente, a imagem mais marcante da competição acabou sendo protagonizada por um brasileiro. Quando liderava a disputa, o maratonista Vanderlei Cordeiro foi interceptado por ▶

Esporte e escola

Além de estádios e ginásios, escola também é lugar de esporte. É nela que a criança muitas vezes se inicia na prática esportiva. Para a presidente da Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), Vicélia Florenzano, o esporte interfere diretamente na formação do indivíduo, pois influencia a concentração, a determinação e a perseverança, além de ser um meio poderoso para agregar familiares e amigos. “O esporte ensina a ser disciplinado, a respeitar e compreender como se vive em comunidade. Assim, contribui com bons exemplos para a escola e para fora dela. São tantos os benefícios, que ele precisa ser de fácil acesso a todos”, enfatiza.

Já o presidente da CBA, Roberto Gesta de Melo, destaca que o Brasil está atrasado quando a questão é esporte na escola. Para ele, enquanto não houver uma política adequada, o país nunca será uma potência esportiva. “O esporte não é praticado regularmente na escola. Falta um programa de descoberta de talentos. Isso precisa crescer. Também não existe mais a prática obrigatória de educação física em todo o país. A cultura esportiva se cria desde cedo e a escola é o início de tudo”, ressalta.

Para o ex-atleta Edson Luciano, medalhista olímpico no atletismo (bronze em Atlanta, em 1996, e prata em Sydney, em 2000, ambas no revezamento 4x100m), a escola pode ser um lugar de descoberta de novos talentos, mas o esporte também tem outras finalidades. “Através dele, a escola pode trabalhar o lado lúdico da criança e do jovem, e de quebra descobrir futuros atletas. Também é importante ressaltar a sua importância para uma vida saudável e o bem-estar pessoal”, afirma.

Participação e reflexão – No entanto, na opinião de Marcos Silva, professor de Didática e Prática de Ensino da Educação Física na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), escola não é lugar de esporte de alto rendimento, o que ele considera altamente excludente. “A escola deve ser o lugar da participação, do envolvimento, da reflexão. Sem isso, a tarefa educacional perde o seu sentido. O

esporte pode e deve trabalhar nessa direção, mas o de alto rendimento aborta esses princípios, uma vez que está direcionado para um único resultado – a vitória”, diz.

Para ele o esporte no ambiente escolar visa à participação, ao envolvimento com o outro. No caso do esporte coletivo, visa também à cooperação entre os membros de uma mesma equipe e à superação constante de desafios. Porém, sem esconder aspectos relevantes de uma prática que muitas vezes se apresenta de forma pouco ou nada crítica como réplica de uma situação social. “O esporte, seja ele qual for, não reproduz relação social alguma. Não podemos cair na balela de que a sociedade é competitiva e o esporte educa para a vida. A sociedade é bem mais complexa. Algumas situações sociais oferecem menos oportunidades que um jogo entre equipes muito desiguais. Entretanto, situações esportivas podem se transformar em ambientes educativos e reflexivos. Mas isso não ocorre de forma espontânea. É necessária uma intervenção nesse sentido. Isso não é exclusividade da educação física, mas é ela, principalmente, que irá desencadear esse processo”, argumenta.

O professor afirma que a prática esportiva deve ser incentivada em muitos aspectos, inclusive, no educacional. Mas, segundo ele, os benefícios do esporte educacional e de alto rendimento precisam ser amplamente discutidos. “Há uma idéia de que o esporte é uma panacéia universal, de que é capaz de proporcionar a inclusão social, a saúde e diversos outros benefícios instantaneamente. O mais grave é a ilusão de que a criança que pratica esporte está atendida em suas necessidades básicas e sociais, idéia bastante utilizada nos meios de comunicação. As crianças necessitam, antes de tudo, de saneamento básico, alimentação e assistência médica adequadas e de condições dignas de vida que incluam, necessariamente, uma educação pública de qualidade. Os programas sociais de estímulo e iniciação esportiva podem ser ótimos, mas de nada servirão no contexto social degradante em que muitas crianças do nosso país vivem” conclui.

团结

Solidariedade

um manifestante irlandês, que furou a segurança e tentou agarrar o atleta. Com a ajuda de um espectador, Cordeiro se desvencilhou e voltou à prova, apesar de perder ritmo e concentração preciosos. No final, acabou levando a medalha de bronze. Apesar do incidente, o corredor entrou no estádio jogando beijos para a platéia, num gesto de espírito esportivo, e foi agraciado com a medalha do Barão de Coubertin, tornando-se um dos destaques dos Jogos.

Nas Olimpíadas de Pequim, as expectativas para o desempenho do Brasil são as melhores possíveis. Roberto Gesta de Melo, da CBA, afirma que esta talvez venha a ser a melhor participação brasileira em olimpíadas. "No atletismo, a competição será muito acirrada. Mas fizemos a melhor preparação de todos os tempos e esperamos bons resultados", comenta. Já Vicélia Florenzano, da CBG, ressalta que o Brasil tem boas chances de melhorar a sua colocação por

Esporte ao alcance de todos

TEXTO CAROLINA BESSA E FÁBIO ARANHA

IMAGENS GAËL MARZIOU/ WWW.FLICKR.COM E COMITÉ ORGANIZADOR DOS JOGOS OLÍMPICOS DE PEQUIM

Se no passado o esporte para deficientes tinha caráter estritamente de lazer e de reabilitação, hoje a profissionalização e o crescimento do interesse do público e da mídia têm se tornado a marca das competições internacionais. As paraolimpíadas são um exemplo de superação e uma prova de que é possível competir em alto nível, mesmo com limitações físicas. Avanços tecnológicos, como modernas cadeiras de roda ou próteses de fibras de carbono, têm contribuído para tornar os Jogos Paraolímpicos cada vez mais competitivos.

A história das competições esportivas para deficientes começou com o fim da Segunda Guerra Mundial. Em 1945, havia um número significativo de ex-combatentes, principalmente, europeus, paraplégicos e tetraplégicos, vítimas de lesões na coluna vertebral. Foi para enfrentar essa dura realidade que o neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann desenvolveu um esforço de reabilitação médica e social com os veteranos de guerra através de atividades esportivas. Para isso, ele criou o Centro Nacional de Lesionados Medulares de Stoke Mandeville, vilarejo situado nas cercanias de Londres, Inglaterra. A primeira competição para deficientes foi ali realizada, em 29 e julho de 1948, no mesmo dia da cerimônia de abertura das XIV Olimpíadas, na capital inglesa. Embora já se promovessem atividades esportivas para esse tipo de atletas, principalmente na Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, foi com essa competição que a modalidade ganhou caráter oficial. O evento contou com a participação de 16 atletas veteranos de guerra. Foi graças ao crescimento das atividades de reabilitação que em 1952 um grupo de veteranos

de guerra holandeses participou do que passou a se chamar Jogos Internacionais de Stoke Mandeville. A primeira versão dos Jogos Paraolímpicos surgiria apenas em Roma, em 1960, com a denominação de Olimpíadas dos Portadores de Deficiência. Na ocasião, participaram 400 esportistas de 23 países em cadeiras de roda. Entre as modalidades disputadas estavam, entre outras, *snooker*, basquete em cadeira de rodas, natação, tênis de mesa, arco-e-flecha e pentatlo. O Papa João XXII recebeu os participantes em audiência privada e elogiou o trabalho de Guttmann. Naquele ano, o país vencedor foi a Itália, seguida pela Inglaterra e pelos Estados Unidos.

Apesar do sucesso dos Jogos Paraolímpicos de Roma, os organizadores dos Jogos subsequentes não deram atenção ao evento, que acabou sendo realizado em locais distintos dos destinados aos Jogos Olímpicos. Em 1984, a competição chegou a ser dividida entre duas cidades:

em Nova York, foram disputadas provas para amputados, portadores de paralisia cerebral e deficiência visual, enquanto que os atletas cadeirantes competiram em Stoke Mandeville. Apenas em Seul, Coreia do Sul, em 1988, a competição foi disputada novamente no mesmo local das Olimpíadas, tornando-se parte obrigatória do planejamento dos organizadores. "Para o esporte paraolímpico, a realização das Paraolimpíadas na mesma sede das Olimpíadas significa manter o mesmo nível de respeito aos atletas e de profissionalismo, desde a estrutura das vilas até cada local de competição. Mas a igualdade entre as competições tem um grande peso", afirma o presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), Vital Severino Neto.

Início brasileiro – No Brasil, os esportes paraolímpicos começaram a ser praticados em 1958. O cadeirante Robson



O brasileiro Luiz da Silva é um dos nossos paraatletas no tênis de mesa

equipes na ginástica artística e rítmica feminina. “Também temos chances reais de medalhas individuais”, acrescenta.

Depois dos Jogos de Pequim, a contagem regressiva começa novamente para as Olimpíadas de Londres, em 2012. Mas, para o Brasil, toda a atenção está voltada para os Jogos Olímpicos de 2016, pois o Rio de Janeiro está entre as quatro finalistas das quais sairá a sede do evento – fato inédito para a Cidade Maravilhosa. As con-

correntes são Chicago, Tóquio e Madri. Agora, as cidades começam a elaborar um dossiê de candidatura, onde cada uma deve detalhar o projeto olímpico que será entregue ao COI no dia 12 de fevereiro de 2009. Entre abril e maio, uma comissão de avaliação do COI visitará cada cidade candidata. A sede dos Jogos Olímpicos de 2016 será escolhida no congresso do comitê a ser realizado em Copenhague, Dinamarca, em 2 de outubro do ano que vem. ■

Sampaio de Almeida e seu amigo Aldo Miccolis fundaram o Clube do Otimismo, no Rio de Janeiro. Outro deficiente físico, Sérgio Seraphin Del Grande, criou o Clube dos Paraplégicos de São Paulo no mesmo ano. O país foi representado pela primeira vez em uma paraolimpíada em 1972, na cidade alemã de Heidelberg. Na ocasião, os atletas brasileiros acabaram voltando sem medalhas.

Os primeiros campeões brasileiros despontaram em 1976: Robson Sampaio de Almeida e Luís Carlos Curtinho conquistaram medalha de prata na bocha, colocando o país na 31ª colocação no quadro final de medalhas. Em Sydney, em 2000, o Brasil conquistou seis medalhas de ouro, 10 de prata e seis de bronze, alcançando a 24ª colocação. Em Atenas, o país conseguiu sua melhor participação em jogos paraolímpicos, terminando com o recorde de 33 medalhas, que superou as 28 dos Jogos de 1984. Ao todo, foram 14 medalhas de ouro, 12 de prata e 7 de bronze.

De 1960 até hoje, as Paraolimpíadas sofreram transformações. No início, somente atletas cadeirantes podiam competir. Hoje, praticamente, todos os tipos de pessoas com deficiência participam das competições internacionais. No primeiro ano, eram 400 atletas de 23 países, competindo em oito esportes. Já em Atenas, em 2004, foram 4 mil atletas inscritos, de 123 países, disputando 19 modalidades. O número de espectadores também deu um salto. Na abertura da primeira competição, o público era de 5.500 pessoas. Na última Paraolimpíada, na mesma cerimônia, estavam presentes 75 mil espectadores.

Com 88 vagas a mais do que em Atenas e quase o triplo das conquistadas em Sidney, o Brasil tem 187 vagas confirmadas para Pequim. Pela primeira vez, as Paraolimpíadas terão brasileiros na disputa por medalhas no *goalball* masculino, voleibol, vela e remo. O Comitê Paraolímpico Brasileiro é otimista em relação à

expectativa de medalhas nos Jogos, que deverá ter um aumento sobre o número conquistado na última Paraolimpíada. O Brasil terminou os Jogos Paraolímpicos de Atenas na 14ª posição geral no *ranking* de medalhas, melhorando 10 posições em relação a Sidney.



Mascote das Paraolimpíadas

Chances de medalha – Severino Neto ressalta que o Brasil tem chance real de medalhas em quase todas as modalidades de que participa. “Temos excelentes representantes em modalidades como natação, atletismo, remo, hipismo e ciclismo. O vôlei e o basquete femininos também merecem destaque, pois é a primeira vez que participam de paraolimpíadas. Também é a primeira vez que o hipismo leva uma equipe completa, onde temos um campeão mundial”, diz.

O esporte paraolímpico tem evoluído, inclusive na organização. No início, muitos dos atletas iam para as competições sem saber de que provas participariam, enquanto

hoje todos são especialistas em suas modalidades. As alterações também são notadas no desempenho dos atletas e nas novas possibilidades de movimento. Em Roma, as cadeiras de rodas eram de madeira. Hoje, são feitas de fibra de carbono ou de alumínio. Na década de 1960, o tempo que um velocista cego alcançava na corrida dos 100 metros rasos estava acima de 16 segundos, enquanto que, hoje, não passa de 12 segundos.

A evolução do esporte tem sido tanta que suscita até polêmica. O corredor sul-africano Oscar Pistorius, que tem as duas pernas amputadas e disputa provas com próteses, ganhou o direito de competir nas Olimpíadas de Pequim juntamente com atletas sem deficiência. Recordista mundial paraolímpico dos 400m, ele tentará o índice olímpico da prova. A concessão gerou críticas sob o argumento de que as próteses dariam vantagens ao atleta sobre o demais.

O corre-corre diário
em uma rua na China



Entre o capital e o trabalho

O desafio de garantir direitos trabalhistas na China sem perder de vista o investimento estrangeiro

A relação entre os chineses e o trabalho é uma questão que ultrapassa a busca de um meio de sobrevivência. Enraizado nos valores familiares mais tradicionais, o trabalho é um dos traços mais marcantes da cultura chinesa e frequentemente vira assunto das agências internacionais de notícias. O que se vê nesses noticiários são jornadas de trabalho extensas, falta de pagamento por horas extras, condições de alojamento insalubres e baixos salários. A abordagem geralmente denuncia a exploração da mão-de-obra na China, onde uma população de cerca de 1,3 bilhão de habitantes exige esforços cada vez maiores de geração de emprego.

A falta de um sistema amplo que garanta mais direitos ao trabalhador é, de fato, um dos assuntos mais polêmicos da China atual, que abriu a sua economia ao capital estrangeiro no fim da década de 1970 mas ainda caminha para uma legislação que garanta melhores condições de trabalho à população. Mas um passo significativo foi dado no dia 1º de janeiro deste ano, com a entrada em vigor de uma lei considerada revolucionária na relação entre patrões e empregados. A nova lei dá garantias básicas ao trabalhador, como a exigência de um contrato de trabalho, a instituição de um salário mínimo regional, a indenização ao fim de contratos temporários, compensações por acidentes de trabalho e o pagamento de horas extras. Segundo as novas regras, os contratos temporários não poderão ser renovados por mais de duas vezes, ou seja, empresas que quiserem manter o funcionário por mais tempo terão de oferecer um cargo permanente.

Na visão ocidental, os avanços podem não parecer tão significativos. Mas a lei inaugura na China uma nova atitude, que já pode ser observada entre diversos trabalhadores que estão conseguindo indenizações e remunerações atrasadas de finais de semana e horas extras nunca antes pagos. Desde a abertura econômica, empresas multinacionais aproveitaram a quase-ausência de direitos trabalhistas na

China, em comparação a seus países de origem, para produzir mais por um custo menor e, assim, ganhar competitividade no mercado internacional. Desta forma, disseminaram-se certos tipos de abusos à custa de um grande contingente de mão-de-obra pouco qualificado que procurava escapar da pobreza.

Jornadas que podem chegar a 70 horas semanais, alojamentos precários nas fábricas, 12 horas diárias de trabalho sem o pagamento de horas extras são alguns exemplos que se tornaram comuns nas relações de trabalho na China. Protestos são reprimidos pela polícia e, muitas vezes, não chegam às páginas de jornais do país, ficando conhecidos apenas pela divulgação na mídia estrangeira, já que a imprensa nacional sofre censura do governo.

No entanto, o professor de administração da Universidade de Brasília (UNB), Gilmar Masieiro, diz que a legislação trabalhista chinesa não demorou a acontecer, mas apenas foi pensada depois de legislações cruciais para o desenvolvimento da economia do país. “Não podemos tomar como base a perspectiva ocidental. Do ponto-de-vista chinês, as mudanças têm sido tantas, nas últimas décadas, que o governo não consegue dar conta de tudo. A idéia era de que primeiro você precisava ter o empreendedor e depois atentar para as necessidades dos empregados. No antigo sistema de economia centralmente planejada, a China suprimiu o potencial dos empreendedores. Com as reformas, ela permitiu que esse potencial fosse recuperado. A partir de 1978, a prioridade era construir empresas e conseguir empregos. Depois se evoluiu para uma legislação trabalhista”, analisa Masieiro, que também é membro do Grupo de Análise da Conjuntura Internacional (Gacint) da Universidade de São Paulo (USP) e autor do livro *Negócios com Japão, Coréia do Sul e China*.

Com um crescimento de 11,4% em 2007, a economia chinesa é hoje a que mais se expande no mundo. O Produto Interno Bruto (PIB) do ►

TEXTO

JULIANA SARTORE

FOTO

PHOTOEVERYWHERE.CO.UK

ARTE

DAVID MACEDO

país foi de US\$ 3,41 trilhões em 2007, o que deu ao gigante asiático a quarta posição na economia mundial. Este ano, o PIB deve crescer 10,8%, segundo o Centro de Informação Estatal da China. Parte do vultoso crescimento chinês é baseado no baixo custo da mão-de-obra local, que atrai empresas interessadas em baixar seus custos de produção. Além disso, a necessidade de gerar emprego para uma grande massa de mão-de-obra não-qualificada é apontada como o fator principal na discussão da legislação trabalhista no país.

“A China precisava gerar cerca de 15 milhões de empregos por ano, o equivalente à população do Chile. Então, a prioridade era a quantidade de empregos. Agora o país começa a se preocupar com a qualidade”, diz Masieiro.

Até a promulgação da nova lei em janeiro deste ano, a discussão das questões trabalhis-

tas foi adiada e até mesmo negligenciada pelo Partido Comunista Chinês em troca da criação de vagas de trabalho. O professor de relações internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Williams Gonçalves acrescenta a essa necessidade um traço da cultura chinesa. “Na China, há uma preocupação muito grande do Estado em gerar emprego, então as grandes empresas estrangeiras são aceitas lá. O país tem uma população gigantesca, e quem o dirige sempre terá como preocupação gerar emprego e garantir comida suficiente. A preocupação é mais com o todo do que com as partes. Isso é um traço da cultura deles. Parte do crescimento foi baseado nesta mão-de-obra barata, tendo como foco o todo. É um preço que todos pagam pelo bem do país. E os trabalhadores têm idéia disso. Além disso, as empresas buscam a mão-de-obra barata e o mercado consumidor



chinês, mas o Estado chinês exige delas uma contrapartida em transferência de tecnologia ou controle acionário.”

Gonçalves também critica a abordagem da mídia sobre o assunto: “Se comparados nominalmente com os nossos, os salários na China são baixos. Mas o que conta é o poder de compra do salário, relacionado ao custo de vida do país, que na China é bastante baixo. Isso é um equívoco de quem não conhece a realidade do país e má-fé de quem conhece.”

Gilmar Masieiro relata a fase de desenvolvimento de uma nova atitude trabalhista da China como um processo natural, como o ocorrido em outros países. “A exploração do trabalho não é nenhuma exclusividade da China. É uma luta de todos os governos. Outros países já passaram por um nível de exploração trabalhista semelhante. Na Europa, por exemplo, o trabalho infantil já foi explorado naturalmente e já foi comum as pessoas trabalharem 14 horas por dia. Mas, à medida que os países crescem, a melhoria é contínua”.

No entanto, a notícia de uma nova lei com medidas de proteção ao trabalhador e que onera os empregadores em seus custos com mão-de-obra não agradou investidores estrangeiros. Os empresários dizem que o “custo China” está crescendo e que fazer contratações ficará mais difícil a partir de agora.

Alguns deles já começaram a transferir parte de seus investimentos para países como a Índia. Apesar disso, um representante da União Sindical Chinesa, o sindicato único do país, disse, em artigo do jornal estatal *China Daily*, que as empresas estrangeiras que “dependem de mão-de-obra barata para obter lucro violando direitos dos trabalhadores devem ser finalmente banidas”.

Para Williams Gonçalves, tal mudança de atitude do governo é resultado do próprio crescimento econômico do país. “Na China, o Estado ainda tem poder de intervenção, mas há um setor privado bastante ativo, com grande

participação do capital estrangeiro. As relações de trabalho espelham essa transição. Está surgindo uma classe média ávida pelo consumo e esses trabalhadores querem mais do que o básico. Além disso, as relações de trabalho passaram ao controle da iniciativa privada, o que cria novas necessidades, que o Estado deverá suprir com regulamentação.”

Mas a disposição de empresas multinacionais em deixar o país não ameaça a consolidação de uma legislação trabalhista mais rígida. Masieiro explica que tais corporações estão se mudando muito mais motivadas pela grande velocidade de ganho salarial observada na China hoje entre os trabalhadores qualificados. “O crescimento econômico em torno de 10% ao ano mostra um dinamismo empresarial muito grande. Então, a busca por mão-de-obra especializada é enorme. Enquanto há uma abundância de trabalhadores não-especializados e baratos, os especializados começam a ficar caros para os empregadores. Por isso, algumas empresas estão se movendo para a Índia e para o Vietnã”.

Masieiro não acredita, no entanto, que este processo seja fonte de preocupação para o crescimento chinês. “São outras condições, além da mão-de-obra barata, que fazem as empresas se fixarem em um determinado lugar. Na China, a tributação é bastante reduzida e há vários incentivos governamentais. O governo costumava conceder a terra, dar o prédio, água e luz para novos empreendimentos. Isso ainda acontece no interior da China, que o governo pretende desenvolver através da interiorização do crescimento.”

Segundo Williams Gonçalves, a abertura econômica impôs um novo desafio ao país. A crescente desigualdade de renda entre os moradores do campo e da cidade, entre ricos e pobres e entre as regiões do país é um dos mais evidentes efeitos colaterais do desenvolvimento chinês. “Na medida em que setores remunerados pelo capital privado recebem maiores salários, passarão a exigir melhores condições. A diferenciação social vai levar a isso e o Estado terá de acompanhar esse processo. Um Estado que tem compromisso com o nivelamento terá que explicar a criação da desigualdade entre um trabalhador do campo e um engenheiro que trabalha na cidade.” ■



Preocupação com o esporte



Os alunos da Juan Montalvo conheceram as histórias dos atletas

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

JULIO CESAR GUIMARÃES

/DIVULGAÇÃO CAIXA

Às vésperas das Olimpíadas de Pequim, alunos da E. M. Juan Montalvo, da Taquara (7ª CRE), tiveram a chance de conhecer medalhistas olímpicos consagrados. Campeões do atletismo como Arnaldo de Oliveira, Claudinei Quirino e Robson Caetano participaram de uma palestra pelo programa Heróis do Atletismo da Confederação Brasileira de Atletismo (CBA), realizada na unidade. Patrocinado pela Caixa Econômica Federal, o programa tem como objetivo valorizar a atividade esportiva, sempre aliada à educação.

Cerca de 150 alunos presentes ao evento ouviram histórias de vida dos atletas e, ao final, puderam se divertir em brinquedos que simulam competições como salto à distância e em altura. Terminado o evento, os alunos participaram de um concurso de redação cujo tema foi Meu Dia com o Atletismo. Os professores vão escolher os três melhores textos, que serão premiados com uma mochila.

Oportunidades – Para o velocista Arnaldo de Oliveira, uma das boas coisas que o esporte lhe proporcionou foi a possibilidade de com-

prender que o estudo poderia lhe trazer novas possibilidades profissionais. “Com o esporte consegui duas bolsas de estudo e pude fazer faculdade. Parei de correr, mas continuo dando a minha contribuição. Hoje sou o fisioterapeuta da seleção brasileira de atletismo”, orgulha-se ele, medalha de bronze no revezamento 4x100m em Atlanta, 1996.

Na avaliação de Claudinei Quirino, a lógica deve ser outra e não a mais freqüente entre atletas vindos de uma situação financeira desfavorável. Primeiro, é preciso ter acesso à educação e depois ao esporte, para que os dois possam seguir juntos. Medalha de prata nas Olimpíadas de Sydney, em 2000, e de ouro nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg, em 1999, Quirino é um belo exemplo de superação. Depois de passar a infância em um orfanato, o atleta conseguiu reconhecimento e visibilidade através do esporte, que começou a praticar somente aos 20 anos. “A gente passa por uma experiência de vida. Não importa se você é pobre, é preciso ter força de vontade”, acredita. Hoje ele incentiva outros jovens a perseguirem seus sonhos e a sua aposta já está lhe rendendo frutos. Um dos

Heróis olímpicos

Arnaldo de Oliveira – Nasceu em 26 de março de 1964, no Rio de Janeiro. Destacou-se nas categorias menor e juvenil, principalmente como corredor de 100m, embora tenha garantido boas marcas nos 200. Disputou os Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984) e Atlanta (1996). Conseguiu medalha de ouro nos 100m e prata nos 200, no Campeonato Sul-americano de 1985, em Santiago. A medalha de bronze foi obtida no revezamento 4x100m, em Atlanta, 2006.

Claudinei Quirino – Nasceu em 19 de novembro de 1970, em Lençóis Paulista, SP. Foi medalha de prata (revezamento 4x100m) nos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000; medalha de ouro (200m e revezamento 4x100m) nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg, em 1999; medalha de prata (200m) no Mundial de Sevilha, em 1999; medalha de bronze (200m) no Mundial de Atenas, em 1997, e medalha de ouro (revezamento 4x100m) nos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo, em 2003.

Robson Caetano – Nasceu em 4 de setembro de 1964, no Rio de Janeiro. Sua vida de atleta começou no salto em distância, modalidade que, em 1981, lhe rendeu o recorde sul-americano juvenil. Foi tricampeão de 200m na Copa do Mundo (Cambera, 1985, Barcelona, 1989 e Havana, 1992); bronze no Mundial Indoor (Indianápolis, 1987); bronze olímpico nos 200m (Seul, 1988) e no 4x100m (Atlanta 1996); Campeão dos 200m no laaf Grand Prix, 1989; campeão pan-americano dos 100m e 200m (Havana, 1991) e tetracampeão ibero-americano dos 200m (Havana, 1986; México, 1988; Manaus, 1990 e Sevilha, 1992).

De acordo com a diretora, Márcia Regina da Silva Oliveira, o objetivo não é trabalhar apenas a prática esportiva, mas questões relacionadas à competição, como informações sobre o esporte e a cultura de cada país. ■

meninos em que Quirino acreditou é o atleta Gladson Silva Barbosa, que está na seleção de atletismo e participou dos Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro, no ano passado.

A trajetória de Robson Caetano começou aos 12 anos de idade, justamente pelas mãos de uma professora de educação física que o viu jogar futebol em um campo de várzea. Tempos depois, um professor da E. M. Malba Tahan, de Irajá (5ª CRE), o escolheu para participar do pentatlo nacional e ele se destacou entre os atletas. “Procuro trabalhar [nas palestras os conceitos de] respeito, responsabilidade, disciplina”, ressalta Robson.

Basquete – A Juan Montalvo já tem tradição esportiva, com a consolidação do projeto Cesta para o Brasil, já no seu terceiro ano de atividade. O projeto é dirigido a alunos de oito a 14 anos de idade e tem como foco o basquete, mas também inclui aulas de handebol, atletismo e futebol. De acordo com o seu organizador, o professor de educação física José Luís da Silva Santos, desde que começaram as atividades esportivas diminuiu o índice de faltas entre os alunos e houve uma significativa melhora no rendimento escolar. “A idéia é alimentar o sonho das crianças, criar as condições para que tenham boas experiências na vida”, completa José Luís.

Exemplo dessa mudança é o aluno Flávio Fagundes Evaristo, de 11 anos. A diretora-adjunta, Paula Bruce, conta que o menino foi reprovado por faltas no ano passado e que a mãe não sabia mais o que fazer para mantê-lo regularmente na escola. Este ano, ele voltou para cursar o ano inicial do segundo ciclo, ingressou no Cesta para o Brasil e já é considerado destaque no basquete.

Além dele, as alunas Juliana Santiago, de 10 anos e Larissa de Oliveira, de 11, são duas outras promessas no esporte. “Gosto do atletismo. Agora tenho mais vontade de vir à escola. Até melhorei em matemática e português”, afirma Juliana. Já Larissa não conhecia o basquete e hoje tem até ídolos no esporte, como a jogadora Chucha, da seleção feminina brasileira.

A escola também participa dos Jogos Estudantis com equipes de atletismo. Em 2008, os alunos irão fazer a sua estréia no basquete. Outro projeto que está nos planos da equipe pedagógica é a I Olimpíada da Juan Montalvo.

Desafio à atividade física



Alunos da rede comemoram o Dia do Desafio

TEXTO
JULIANA SARTORE
FOTOS
DIVULGAÇÃO

O Dia Mundial do Desafio, comemorado sempre na última quarta-feira do mês de maio, incentiva a prática de atividades físicas em vários cantos do planeta há mais de três décadas. Este ano, a data, literalmente, movimentou o Ciep N° 301 (Lindolpho Collor), de Rio das Pedras (7ª CRE), que fez do dia 28 de maio uma oportunidade de consolidar a conscientização sobre os benefícios do exercício para a saúde. A proposta foi simples: mexer os músculos e o esqueleto por 15 minutos. Parece pouco, mas é esse justamente o tempo diário que uma pessoa deve dedicar aos exercícios para ter melhor condicionamento físico e qualidade de vida, segundo a campanha.

O Dia do Desafio é o resultado de uma mobilização mundial de incentivo à prática regular de atividades físicas em benefício da saúde e do bem-estar, realizada por meio de ações das comunidades. A data foi idealizada pela ParticipAction, entidade esportiva canadense, e é comemorada desde 1995 no Brasil. Além de

motivar a participação em atividades físicas, o dia proporciona momentos de lazer e convívio, sem restrições quanto a modalidades. O objetivo é promover a saúde física e mental, mobilizando o maior número de participantes em torno da idéia de praticar pelo menos 15 minutos consecutivos de qualquer atividade física ou esportiva.

“Soubemos do Dia Mundial do Desafio através da Secretaria Municipal de Educação [SME] e achamos a idéia muito interessante, já que estamos num ano de Olimpíadas, o que torna a discussão sobre as atividades físicas ainda mais oportuna. Então, reunimos os professores para discutir e planejar como seria a proposta. Nosso principal desafio foi encontrar uma atividade que reunisse todos os alunos ao mesmo tempo na quadra (que é um espaço reduzido), sem gerar bagunça, o que acabaria desviando a atividade de nosso objetivo”, conta a coordenadora pedagógica da escola, Rita de Cássia Pinto.

A solução foi encontrar um exercício simples, mas que pudesse envolver os estudantes a ponto de concentrar toda a atenção deles. Depois de discutir, a equipe chegou à ideia final: utilizar música e dança – neste caso, a dança do quadrado. Além de bastante conhecida pelos jovens e do tom de brincadeira, a música utilizada traz em sua letra ordens que induzem os participantes a pular em um pé só ou girar, por exemplo, numa espécie de jogo. O resultado foi a adesão praticamente total dos alunos das 72 turmas da escola e de seus funcionários e professores, numa grande frente, de cerca de 2.500 pessoas, contra a inércia e o sedentarismo.

“Planejamos 15 minutos de exercícios para cada turno. Antes de começar, apresentamos a cada grupo a ideia do Dia do Desafio e falamos da importância do exercício físico regular, citando, inclusive, reportagens recentes. Depois, partimos para a atividade física, com sessão de alongamento, exercícios aeróbicos e relaxamento. Tivemos, no entanto, o cuidado de retirar trechos da música que falam de termos inadequados, relacionados à violência”, conta Rita.

Integração da equipe – A aceitação da iniciativa foi tão grande que os professores de educação física planejam repetir a experiência independentemente de datas mundiais. Segundo a diretora da unidade, Heloisa Maria Teixeira,

a ideia é promover a atividade pelo menos uma vez por semana. “Foi um momento extremamente importante, inclusive para professores, porque todos se juntaram numa só atividade. Isso foi muito especial para estimular uma integração maior entre as pessoas, porque os alunos sempre se integram com facilidade, mas professores e funcionários nem sempre”, diz Heloisa.

Mais de 3 mil cidades em 22 países participaram do Dia Mundial do Desafio este ano. No Brasil, cerca de 1.500 municípios promoveram atividades físicas para mostrar às pessoas que um pequeno esforço de 15 minutos diários ►



Foram feitos 15 minutos de exercícios

Até os professores participaram da atividade



pode gerar uma grande melhora na qualidade de vida. No Ciep 301, o objetivo foi envolver o maior número de alunos possível. O espírito de participação e confraternização adotado pelo evento estimula novos hábitos e atitudes.

“Atingimos, principalmente, aqueles que iam para a aula de educação física desmotivados. Isso acontece muito com os adolescentes, que começam a se interessar mais pelo MP3 do que pela aula nessa fase. Com o evento, conseguimos atrair mais alunos para a educação física. Eles estão mais interessados nas atividades físicas e já estão pedindo outros eventos como o que fizemos”, conta a professora da disciplina e diretora de apoio Walquina Seda.

Os reflexos entre a comunidade escolar já são sentidos nas conversas do dia-a-dia.

Walquina diz que professores e até alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja) já revelaram ter começado a fazer caminhadas depois de experimentar a atividade física no Dia do Desafio. Segundo a professora, os estudantes do 301 já tinham consciência da importância do exercício físico para a saúde, já que o tema é sempre tratado nas aulas. “A maior parte dos alunos já pratica exercícios regularmente. Mas acredito que o Dia do Desafio aumenta o contato deles com a atividade física praticada dentro da escola. Os alunos do Peja, por exemplo, não têm aula de educação física e ficaram muito entusiasmados com a atividade. É por isso, que estamos planejando novos eventos e temos uma preocupação ainda maior com esses alunos.” ■

Desafio no Rio

Não foram apenas as escolas que se movimentaram no Dia Mundial do Desafio. Praças e outros lugares ao ar livre em todo o Brasil foram palco de ações especiais promovidas principalmente pelas prefeituras no dia 28 de maio deste ano.

O Rio de Janeiro, que reuniu 1,3 milhão de pessoas em atividades físicas na data, venceu a cidade de Houston, capital do estado norte-americano do Texas, na competição pelo título de cidade mais mobilizada para o evento. A disputa ocorre entre duas cidades de mesmo porte, por sorteio eletrônico. Este ano, o Dia do Desafio foi realizado simultaneamente em 25 países das Américas.

O Rio de Janeiro conquistou a vitória, porque mobilizou o equivalente a 21% de sua população para participar de aulas de ginástica e outras atividades esportivas. Em Houston, apenas 740 mil pessoas se engajaram no Dia do Desafio, que tem como objetivo a promoção de uma vida saudável. O resultado obtido no Rio se deve à mobilização da Prefeitura, incluindo a Secretaria Municipal de Saúde (SMS), que promoveu atividades com a adesão expressiva dos cariocas. As unidades de saúde municipais distribuíram material educativo

e incentivaram suas equipes a desenvolver, junto ao público e funcionários, práticas corporais como alongamento ou ginástica corporal por pelo menos 15 minutos.

Atividades ao ar livre também foram abertas à participação do público na cidade. A Guarda Municipal (GM) planejou diversas ações para incentivar a prática de esporte. Uma delas, em parceria com a Obra Social da Cidade, promoveu oficinas de alongamento e ginástica para idosos, reunindo integrantes das cinco casas do Programa de Lazer e Convivência para Idosos, mantidas pela Obra Social, na Praça Xavier de Brito, Tijuca. Mas quem passava pelo local e se interessava pela movimentação também pôde participar.

Eventos esportivos e de condicionamento físico também foram realizados na sede da GM, em São Cristóvão, e na base do Grupamento de Guardas Comunitários (GGC) da Ilha de Paquetá, com direito a um passeio ciclístico pela ilha. Na sede da Prefeitura, nos andares da SMS e Secretaria Municipal de Educação foram ainda promovidas atividades de ginástica laboral. E, em várias partes da cidade, guardas municipais e professores de educação física programaram ações em prol da saúde e da atividade física.

A arte da suprema energia

Lutas chinesas preservam tradição que as tornam especiais: filosofia oriental, defesa e meditação



Os incríveis guerreiros em terracota descobertos em Xian imortalizaram a história de lutas da região até a unificação da China

Foi o sino-americano Bruce Lee quem popularizou no cinema as artes marciais, em muitas produções até o início dos anos 1970, como *Operação Dragão*, seu último filme e um dos mais famosos. E não foi a carga dramática de Lee que o levou ao estrelato e sim o intenso treinamento iniciado aos oito anos de idade e os seus conhecimentos em diversas técnicas. Este é o grande segredo das artes marciais: muito, mas muito treinamento mesmo. E é o resultado de tanta dedicação que faz dessas lutas, surgidas no Oriente, especialmente na China e no Japão, uma marca da história dessas nações e muito apreciadas em todo o mundo. Frequentemente, o conjunto das artes marciais

chinesas é chamado, de forma equivocada, de *kung fu*. O termo genérico utilizado na China é *wushu* (arte da guerra). *Kung fu*, na verdade, significa qualquer prática desenvolvida com muita disciplina e perseverança.

A origem das lutas chinesas é incerta. Para alguns, elas começaram com os ensinamentos de um monge indiano, Bodhidharma, que viveu no famoso mosteiro conhecido por Templo Shaolin, no século VI a.C. Mas, estudos arqueológicos levam a crer que a origem é mais antiga. O que faz sentido: desde que o mundo é mundo, o homem luta, promove combates, e é dessas situações que nascem os grandes guerreiros e as técnicas. A China viveu muitos séculos ►

TEXTO

BETE NOGUEIRA

FOTOS

REPRODUÇÃO DO SITE

WWW.SXC.HU E JGREMILLOT /

REPRODUÇÃO WIKIPÉDIA

de guerra, e até nos mosteiros era importante os monges saberem se defender em caso de invasão. A maioria das lutas chinesas e japonesas tem uma base filosófica do budismo ou do taoísmo, o que lhes dá uma dimensão maior do que a questão física: são ensinamentos que moldam o caráter do aprendiz, ao mesmo tempo em que o seu corpo também é moldado.

O Templo Shaolim hospedou artistas marciais de diversas partes da China, o que favoreceu o desenvolvimento e o crescimento da prática. Com alguma influência indiana, lá surgiu o *kung fu shaolim*. Muitos adeptos de artes marciais trocaram os templos por aulas particulares, divulgando as técnicas e fazendo surgir novas modalidades.

Unificação – Com a Dinastia Qin, que começou no século III a.C., chegou finalmente a unificação do país, depois de muitas disputas, lutas, golpes e guerreiros. Foi o início da China Imperial, período que durou até o começo do século XX, com a Dinastia Qing. Mas, para conseguir o feito, o primeiro imperador promoveu muito derramamento de sangue e centralizou a sede do poder na cidade de Xian, onde foi descoberto, em 1974, um exército em terracota – são mais de 8 mil figuras de homens e cavalos, em tamanho natural – enterrado próximo ao mausoléu de Qin.

Nos últimos 2 mil anos, foram desenvolvidos muitos estilos de artes marciais na China, e muitos deles nunca chegaram aqui. Alguns têm semelhanças, como as que se concentram no *chi* (um tipo de energia que tem ligação com o ar ou a respiração). Outros, usam movimentos inspirados em animais. As lutas chinesas podem ser divididas em duas categorias: externas e internas.

Os estilos externos são geralmente concentrados na força física e agilidade. Entre eles, há o *wing chun* e o *shaolim quan*. Eles são iniciados com um treinamento de força muscular, velocidade e aplicação. Há estilos tradicionais, privilegiando a luta, e os modernos, adaptados para competições e exercícios.

Os internos visam mais a trabalhar a mente e a consciência do espírito. Desde o início do treinamento, há uma preocupação com o desenvolvimento da energia vital (*chi*). Só depois que essas relações internas são apreendidas

Em Shangai, o *tai chi chuan* é praticado ao ar livre



é que começam as aplicações externas. Os movimentos geralmente são executados de forma lenta, embora alguns também incluam ações repentinamente explosivas, como o *i-chuan*, *hsing-i chuan*, *tai chi chuan* estilo *chen* e *pa-kua*.

Autodefesa eficiente – A suavidade nos movimentos do *tai chi chuan* faz supor aos leigos que esta prática não poderia ser classificada como arte marcial. Ledo engano: segundo Bruno Kelson, professor de *tai chi chuan* e *chikun* da Sociedade Taoísta do Brasil, ela se divide em quatro partes, sendo uma delas a arte marcial. “É uma autodefesa muito eficiente. Mas raramente é utilizada como luta. Destacamos mais no *tai chi* os benefícios para a saúde”, explica ele. As outras três partes são: a forma (são 108 movimentos), a filosofia (dos ensinamentos taoístas) e o trabalho energético.

Foi um mestre taoísta, Chan San Feng, quem desenvolveu essa arte, graças a muita observação da natureza. A começar por uma luta entre uma garça e uma serpente, que o fez perceber como a flexibilidade e a agilidade eram mais eficientes do que a força física e a rigidez. Observando um riacho e de que forma a água se movimentava quando encontrava um obstáculo e continuava seu caminho, ele concluiu que, na necessidade, as coisas se transformam. Somando as conclusões aos seus conhecimentos, ele criou a seqüência de movimentos do *tai* (supremo ou aquilo que supera) *chi* (energia) *chuan* (punho, agilidade, flexibilidade). Aliado aos ensinamentos do taoísmo, que tem como palavras-chave naturalidade, harmonia, equilí-

brio, sinceridade e coração aberto”, enumera Bruno, que é professor há 15 anos e foi discípulo do mestre Wu Jyh Cherng, que trouxe para o Rio as artes ensinadas na Sociedade Taoísta, fundada por ele em 1991.

Por volta de 1200, nos mosteiros do Norte da China, os sacerdotes – tanto budistas quanto taoístas – faziam meditação para se elevarem espiritualmente, mas muitas vezes ficavam doentes antes de atingirem a iluminação. Motivo: falta de exercícios. Quando somaram artes marciais como o *tai chi chuan* às suas rotinas, conseguiram juntar iluminação e saúde. “No *tai chi chuan*, como os movimentos são lentos, o praticante aprimora os detalhes dos movimentos corporais e da meditação. Por isso, ele é tão bom para a saúde”, comenta Bruno, explicando ainda que a meditação atua nos campos mental e espiritual, independentemente de religião.

Basicamente, existem quatro tipos de *tai chi chuan*: *yang*, o mais praticado aqui no Brasil e voltado mais para a meditação e desenvolvimentos internos; *chen*, muito apreciado na China e que trabalha muito a musculatura, e ainda *wu* e *su*, menos populares, mas não menos importantes. Praticada com regularidade, a modalidade traz benefícios para os sistemas digestivo, circulatório e cardiovascular. Durante a Revolução Comunista, desencadeou-se uma perseguição aos mestres de *tai chi*, que pregavam uma forma de governo de equilíbrio, ao contrário do que Mao Tsé-Tung vinha fazendo. Muitos deles foram para Taiwan e o *tai chi* perdeu visibilidade. Mas, com o tempo, a república se rendeu a ela, estimulando que uma seqüência básica, feita por mestres, passasse a ser praticada pela população em espaços ao ar livre, prevenindo, assim, muitos problemas da área de saúde pública. ■

SAIBA MAIS

• Sociedade Taoísta do Brasil Templo da Transparência Sublime

Rua Cosme Velho, 355.
Pelos telefones 2225-2887 ou
2285-1937 é possível entrar em
contato com o professor Bruno
Kelson ou saber os horários de
suas aulas, além dos de outras
atividades da casa.
Palestras abertas ao público
todas as terças-feiras, às 19h30.

Livros

- *A arte da guerra*, de Sun Tsu
- *Tai Chi Chuan, a alquimia dos movimentos*, de Wu Jyh Cherng
- *I Ching, a alquimia dos números*, de Wu Jyh Cherng
- *Tao Te Ching, o livro do caminho e da virtude*, de Lao Tsé

A moral de um guerreiro

Há quatro ensinamentos básicos de uma arte marcial chinesa:

1. A prioridade de um praticante de artes marciais é a moral. Aprende-se uma luta para defesa, e nunca com a intenção de machucar o oponente.
2. Ser valente e justo. A luta pode ser pela justiça de outra pessoa também.
3. Respeitar o oponente, sendo franco e honesto.
4. Autocontrole e aperfeiçoamento. As escolas têm suas disciplinas que cobrem aspectos da vida dos praticantes. Comportamentos que não são bem-vistos nesse meio: beber excessivamente, exagerar em sexo, gostar de puxar briga, almejar a fama, ser mentiroso ou arrogante.

Quando um aluno começa a buscar a defesa pessoal, é importante que os adultos não o estimulem a brigas e demonstrações gratuitas de força. “Esta é a importância de o lutador estudar a filosofia taoísta, que prega valores como respeito e sinceridade”, diz Bruno Kelson.

O jiu-jitsu (de origem japonesa), que há alguns anos passou a ser malvisto por ser praticado por jovens que acabam se envolvendo em brigas, ganhou fama injusta. Também é uma luta com princípios rígidos.

Mas por que surgem os chamados *pitboys*? Segundo o professor, “é o resultado de uma época violenta, em que as pessoas não dedicam mais tempo umas às outras, o instrutor (que pode ser o pai ou professor) não se dedica mais a passar o respeito ao próximo”.

Tempo é uma jóia muito apreciada por verdadeiros professores e mestres de artes marciais: é impossível o desenvolvimento pleno sem muita dedicação, atenção ao que se faz e dedicação do professor, que não pode exigir correria ou mostrar impaciência com o aluno.

“O tempo é parte integral do aprendizado”, reforça Bruno. Por isso, o professor não pode perder nunca a compreensão e o respeito pelo aluno, que tem diferentes capacidades de aprendizagem. Afinal, quem ensina também aprende.

Letras e partidas de xadrez

Escritor transporta para a sua literatura disputas vividas nos principais salões de jogos da cidade

TEXTO A literatura foi sem dúvida a grande paixão da vida do escritor Machado de Assis. Mas não foi a única. Um dos seus passatempos prediletos

CAROLINA BESSA

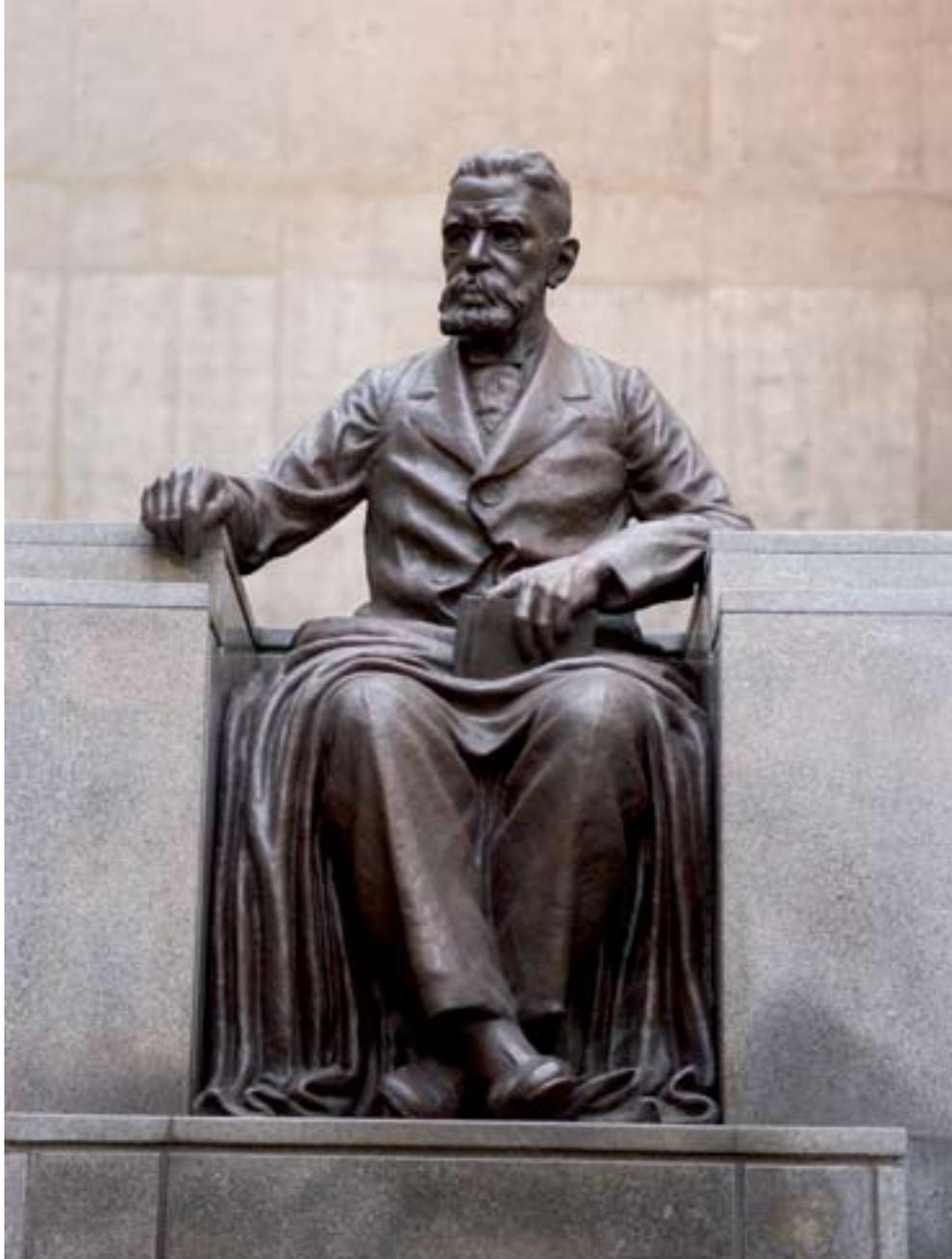
FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

– além da presença constante às rodas de intelectuais do Largo do Rocio (atual Praça Tiradentes) – era o xadrez. Seu interesse pelo jogo alçou-o a um nível elevado nos círculos enxadristicos do século XIX, levando-o até mesmo a participar do primeiro torneio realizado no Brasil. Aliás, como não poderia deixar de ser, Machado acabou por aliar suas duas predileções: as partidas de xadrez estão presentes em suas crônicas, contos e no romance *Iaiá Garcia*.

Esta face da personalidade do escritor pode ser comprovada na exposição aberta no Espaço Machado de Assis, na Academia Brasileira de Letras (ABL). No local estão a mesa e peças de xadrez esculpidas em madeira que pertenceram a Machado. Consta que só existem seis exemplares dessas peças no mundo todo. De toda forma, foi intensa a empolgação do autor pelo jogo, a ponto de manter correspondência com as seções especializadas dos periódicos da época e formular problemas e enigmas. De acordo com a ABL, numa análise dos problemas que Machado formulou e das soluções propostas





por ele, é possível perceber que o escritor era um exímio jogador e que enfrentava de igual para igual notórios enxadristas de sua época, como Caldas Vianna (o “número 1” do Brasil) e Artur Napoleão, um grande pianista português.

Acredita-se que o interesse de Machado pelo xadrez tenha tido a influência de Napoleão, que enfrentou em Nova York, aos 16 anos, o campeão mundial Paul Charles Morphy (1837-84). De volta de uma das suas viagens pela Europa, o pianista acompanhou ao Brasil Carolina Xavier de Novais, que viria a ser a futura esposa de Machado. Pois bem, especula-se que nesse regresso o pianista tenha despertado no autor

de *Dom Casmurro* o gosto pelo jogo, já que a fase enxadrística do escritor coincide com a presença de Napoleão na cidade.

O primeiro torneio de xadrez no Rio de Janeiro foi realizado em 1880, na casa de Napoleão, na Rua Marquês de Abrantes, no Flamengo. A disputa contou com a participação de seis grandes enxadristas amadores, todos residentes na cidade. Oito anos depois, Machado já freqüentava o Clube Fluminense, nas imediações da Praça Tiradentes, para jogar xadrez. A referência está em crônicas suas publicadas na revista *A Semana*. Em uma delas, de 6 de agosto de 1893, ele escreve: “(...) tomava café no Clube Fluminense, ►

SAIBA MAIS

Livros

- *Almanaque Machado de Assis: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias*, de Luiz Antônio Aguiar. Rio de Janeiro, Record, 2008.
- *Para conhecer Machado de Assis*, de Keila e Lucia Grinberg e Anita Correia Lima de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- *Bibliografia de Machado de Assis*, de José Galante de Sousa. MEC, 1955, RJ.

Internet

- Portal da Academia Brasileira de Imprensa (www.academia.org.br)
- Site Machado de Assis/Fundação Casa de Rui Barbosa (www.machadodeassis.net)

Revista

- NÓS DA ESCOLA, nº 56, 57, 58, 59 e 60.

no momento em que ia fazer o mesmo, depois de uma partida de xadrez com o professor Palhares. Pobre Palhares! Pobre Clube Fluminense!”.

As partidas de Machado, anos mais tarde, mudariam de endereço: passariam a ser jogadas no Clube Politécnico, na Rua da Constituição, 47. Foi no salão desse clube que se realizou o *match* contra Artur Napoleão, que o venceu por 7 x 2. As referências ao local também estão em crônica de 1877, no trecho: “Não a via; mas vi o general no dia seguinte, no sarau do Clube Politécnico, que esteve animado e concorrido como poucos. Valsou-se muito, conversou-se, comeram-se bolinhos... enquanto no andar de cima o Grémio do Xadrez, instituição recente, celebrava a sua reunião das sextas-feiras”.

Um terceiro local utilizado para as partidas foi o Clube Beethoven, no Catete, fundado em 4 de janeiro de 1882. Segundo a ABL, documentos existentes na Biblioteca Nacional sobre o clube dão conta da inexistência de uma seção de jogos no início de suas atividades. Nos anos seguintes é que aparecem referências a uma sala de jogos de xadrez. A lista de sócios fundadores não inclui os enxadristas conhecidos na época, que só ingressariam meses depois, quando foram admitidos Artur Napoleão, Caldas Vianna, Charles Pradez, Machado e outros. É provável, portanto, que daí por diante a seção de jogos tenha passado a existir no clube.

Machado, que exerceu na diretoria do clube a função de bibliotecário, ao descrevê-lo na sua obra não mencionou os jogos de xadrez. Anos mais tarde, a sede social mudou-se do Catete para a Glória. Na ocasião, passou a ser conhecida como Pensão Beethoven, onde também eram realizados concertos de música. Machado só se referiu ao clube depois de fechado, mas os textos não fazem qualquer alusão aos jogos de xadrez, somente às apresentações musicais: “O nome do Clube cresceu, entrou pelos ouvidos do público; este, naturalmente curioso, quis saber o que se passava lá dentro. Mas, não havendo público sem senhoras, e não podendo as senhoras penetrar naquele templo, que o não permitiam as disciplinas deste, resolveu o Clube dar alguns concertos especiais no Cassino. Mas tudo acaba, e o Clube Beethoven, como outras instituições idênticas, acabou. A decadência e a dissolução puseram termo aos longos dias de delícias”.

O interesse do escritor pelo xadrez consta também na correspondência trocada com Joaquim Nabuco, que em 1883 lhe enviou de Londres recortes de jornais com transcrições de partidas, atendendo a pedido do escritor brasileiro. A última referência ao xadrez de Machado em vida surgiu em 1898 com a publicação de um problema seu na *Caissana Brasileira*, de Artur Napoleão. Além de Napoleão, outro grande enxadrista que Machado de Assis enfrentou de igual para igual foi João Caldas Vianna. Este pode ser considerado o maior jogador surgido no Brasil até 1930. Uma partida sua contra A. Silvestre, jogada no Clube dos Diários, situado nas imediações da atual Rua do Passeio, está presente em um dos mais importantes tratados de xadrez publicados em todo o mundo. Até hoje é conhecida e praticada a “Defesa Rio de Janeiro”, invenção de Machado, na “Partida Espanhola”, variante favorita de Emmanuel Lasker (1861-1941), campeão mundial durante 27 anos seguidos.

Aficionados por literatura e pelo jogo podem se deliciar com algumas outras referências em sua obra. No conto *Questão de vaidade* está a seguinte descrição: “Quando Eduardo declarou aceitar a partida de xadrez a moça sentiu que o coração lhe palpitava com mais força. Ela própria foi dispor o necessário para o jogo, não sem levantar muitas vezes os olhos para Eduardo, cujo olhar, pregado nela, exercia uma fascinação (...) O jogo deu-se por terminado à meia-noite. Apenas tinham jogado duas partidas, em que Silvério ganhou sempre. Isto porque ele não estava apaixonado, e Eduardo, se não o estava, acreditava estar.”

No romance *Iaiá Garcia*, o xadrez aparece em várias passagens. Iaiá, segundo Machado, tinha duas qualidades necessárias ao jogo: vista pronta e paciência beneditina, características também preciosas na vida com seus problemas e partidas, umas ganhas e outras perdidas. Em um dos momentos, a moça que dá nome ao romance arruma minuciosamente o tabuleiro. “Iaiá preparou o xadrez, no gabinete contíguo à sala; Jorge sentou-se pacientemente diante da adversária, retificou a posição de duas peças, excluiu as que lhe dava de partido e adiantou o primeiro peão. (...) Iaiá baixou os olhos ao tabuleiro, cavalgou a torre com o bispo...”. ■

Neste mês a seção traz livros e filmes que falam sobre educação especial.

Livros



Psicomotricidade, educação especial e inclusão social

Carlos Alberto de Mattos Ferreira

Maria Inês Barbosa Ramos
Editora Wak, 2007

O livro reúne artigos produzidos por autores que pesquisam e trabalham diretamente nessa área. Os organizadores acolheram textos e trabalhos que se articulam com o conceito amplo de inclusão e que priorizam as singularidades dos sujeitos com necessidades especiais e seus contextos socioeconômico-culturais.

Brincando e aprendendo na educação física especial

Reinaldo Soler
Editora Sprint, 2002

Como incluir os portadores de de necessidades especiais nas aulas de educação física? O livro traz sugestões de planos de aula e de jogos.

Filmes



Forrest Gump

Direção: Robert Zemeckis, 1994

Quarenta anos da história dos Estados Unidos vistos pelos olhos de um rapaz com QI abaixo da média que, por obra do acaso, consegue participar de episódios políticos da vida norte-americana, como a guerra do Vietnã e o escândalo de Watergate.

Liberdade para as borboletas

Direção: Milton Katselas, 1972

Jovem ajuda o namorado cego a superar antigos traumas.

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio							
14h-14h30	Ninguém Merece	Br@nché (língua francesa) Acervo MULTIRIO Tons e Sons	Nós da Escola	Matilda Crônicas da Minha Escola (até dia 10) Uni Duni TV (após dia 17)	Aventuras Cariocas Juro Que Vi Cortinas (25)	9h-9h30 Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Gerúndio e Cacófato Matilda Uni Duni TV
14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h	Ninguém Merece Cortinas (27)
Net - canal 14							
7h30 - 8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados
8h-9h	Tempo e Clima	Tempo e Clima	Tempo e Clima	Tempo e Clima	Tempo e Clima	Juro Que Vi	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas
	Contos Desfeitos	Contos Desfeitos	Contos Desfeitos	Contos Desfeitos	Contos Desfeitos	Aventuras Cariocas	
	Um Sonho de Criança	Um Sonho de Criança	Um Sonho de Criança	Um Sonho de Criança	Um Sonho de Criança	Abrindo o Verbo Temas: Paleontologia (5), Turismo (12), Meio Ambiente (19), Dança (26)	
	As Formas do Invisível	As Formas do Invisível	As Formas do Invisível	As Formas do Invisível	As Formas do Invisível		
	Museu Mutante	Museu Mutante	Museu Mutante	Museu Mutante	Museu Mutante		
9h-9h30	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda	Lucas e Lucinda		Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas
	A Rua do Zôo 64	A Rua do Zôo 64	A Rua do Zôo 64	A Rua do Zôo 64	A Rua do Zôo 64		
	Aqui no Meu País	Aqui no Meu País	Aqui no Meu País	Aqui no Meu País	Aqui no Meu País		
	Abrindo o Verbo Temas: Turismo (7), Meio Ambiente (14), Dança (21), R. R. R.: Reduzir, Reutilizar, Reciclar (28)	Cantos do Rio Convidados: Milton Nascimento e Naná Vasconcelos (8), Leila Pinheiro e Zezé Gonzaga (15), Lapa (22), Paulo Moura e Yamandu Costa (29)	Encontros com a Mídia Convidados: Nelson Hoineff (9), Rosália Duarte (16), Rita Ribes (23), Nádya Rebouças (30)	Nós da Escola	Aventuras Cariocas Juro Que Vi	Crônicas da Minha Escola Abraço Completo à Infância	
	Noah e Saskia Série australiana	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Noah e Saskia Série australiana	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Noah e Saskia Série australiana	Criatividade Memórias Cariocas Gerúndio e Cacófato Conversa de Criança Atletas do Rio Visões do esporte	
9h30-10h							
10h-10h30	Aventuras Cariocas Juro Que Vi	Encontros com a Mídia Convidados: Nelson Hoineff (8), Rosália Duarte (15), Rita Ribes (22), Nádya Rebouças (29)	Abrindo o Verbo Temas: Turismo (9), Meio Ambiente (16), Dança (23), R. R. R.: Reduzir, Reutilizar, Reciclar (30)	Cantos do Rio Convidados: Milton Nascimento e Naná Vasconcelos (10), Leila Pinheiro e Zezé Gonzaga (17), Lapa (24), Paulo Moura e Yamandu Costa (31)	Nós da Escola	Ninguém Merece	Documentário Nacional Temas: Assalto ao Poder I (13), Assalto ao Poder II (20), Papagaios Amarelos (27)
	Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	O Mundo Secreto dos Jardins	Viajantes da História	Ecce Homo Expressão e organização das sociedades humanas	Histórias Animadas de Shakespeare	Encontros com a Mídia Convidados: Leila Blanco (5), Nelson Hoineff (12), Rosália Duarte (19), Rita Ribes (26)	
10h30-11h							
11h-11h30	Contos de Fadas Poloneses	Vamos Brincar	Documentário Nacional Temas: Assalto ao Poder I (9), Assalto ao Poder II (16), Papagaios Amarelos (23), A Civilização do Cacau (30)	Ninguém Merece	Viajantes da História	Nós da Escola	Uni Duni TV (20) Cortinas (27)
	É Tempo de Diversão	Religiões do Mundo					
11h30-12h	Crônicas da Minha Escola	Contos de Wilde		Arte na Galeria	Contos de Wilde	A série de programas ao vivo Rio a Cidade! fala do Rio de Janeiro sob o ponto-de-vista da vida em grandes cidades, dos direitos e responsabilidades e do papel da administração pública. A série aborda temas mobilizadores como saúde, violência, história da cidade e alimentação, oferecendo espaço para debates e divulgação de serviços. Discute ainda a interação da cidade e seus administradores, contribuindo para o desenvolvimento da consciência de cidadania, de solidariedade e de co-participação.	
	Abraço Completo à Infância						
12h-12h30	Reflets	Reflets	Reflets	Reflets	Br@nché (língua francesa)		
	Arte na Galeria	Memórias Cariocas Conversa de Criança	Abraço Completo à Infância Gerúndio e Cacófato	Arte em Questão Visões do Esporte			
12h30-13h	Criatividade Nós da Escola	Aventuras Cariocas Juro Que Vi	Como a Arte Moldou o Mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Crônicas da Minha Escola Atletas do Rio	Ninguém Merece		
13h-13h30	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados.	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br.

A nossa história
fica mais rica
sem pichação.

Carioca gente boa
respeita e
preserva a cidade.





Abaporu, de Tarsila do Amaral, 11 jan.1928.
Óleo sobre tela: 85cm x 73cm. (Leia sobre
Tarsila na página 5 desta edição)

NÓS DA ESCOLA
No próximo número:
Educação e criatividade